

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Mestrado em Sociologia – 3º ano

Ano letivo de 2024/2025

IMIGRAÇÃO: o perfil sócio-cultural do imigrante brasileiro em Portugal

Iolanda Martins Teixeira up202203971

Porto

Setembro/2025

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Mestrado em Sociologia – 3º ano

Ano letivo de 2024/2025

IMIGRAÇÃO: o perfil sócio-cultural do imigrante brasileiro em Portugal

Iolanda Martins Teixeira up202203971

Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto para obtenção do grau de mestre em sociologia elaborada sob orientação do professor Doutor João Teixeira Lopes

Porto

Setembro/2025

O Brasil é um grande Portugal do outro lado do oceano!

Chico Buarque de Holanda

RESUMO:

A presente dissertação tem por objetivo geral conhecer o perfil sociocultural do imigrante brasileiro em Portugal analisando os seus processos emigratórios e as suas dimensões de adaptação na sociedade portuguesa. Para este efeito, foi desenvolvido e aplicado um questionário para um grupo amostral de 50 pessoas cujo status legal em Portugal e modalidade de autorização de residência estejam sob o mesmo artigo previsto na lei de imigração do estado Português, no caso, a autorização de residência específica concedida para cidadãos advindos dos países membros da Comunidade de Países de Língua Portuguesa - CPLP - e que tenham um tempo de emigração superior a 1,5 anos. Para além da aplicação do inquérito, houve a coleta de relatos individuais assentados na metodologia mista observando os aspetos qualitativos e quantitativos. Para mensurar as dimensões propostas por esta pesquisa, o inquérito procurou observar o género predominante deste grupo, a faixa etária destes imigrantes, o peso do idioma na decisão de escolher Portugal como país de destino, a metrificação do nível de escolaridade deste grupo de imigrantes, entender os motivos fortes aproximados que os levaram a emigrar do Brasil para Portugal e, considerando a agenda política que cerca a questão da imigração na Europa com recorte em Portugal, esta pesquisa também procurou inquirir a perceção dos participantes desta pesquisa sobre a questão da xenofobia contra brasileiros praticadas por cidadãos nacionais. Esta dissertação também procurou entender a dimensão da integração destes imigrantes, observando os seus processos adaptativos relativamente às questões de integração no mercado de trabalho, a integração com a comunicação, com a culinária, com a música e com o clima. E, por fim, o questionário procurou perceber o sentimento destes imigrantes relativamente à satisfação, ou não, sobre os seus processos emigratórios e se isso pesa na decisão de se fixarem em Portugal ou não, todos estes dados encontram-se analisados no capítulo final deste trabalho científico.

Palavras-chaves: emigração; imigração; cultura; perfil sociocultural.

ABSTRACT:

The present dissertation has the general objective of understanding the sociocultural profile of the Brazilian immigrant in Portugal, analyzing their migratory processes and their dimensions of adaptation within Portuguese society. For this purpose, a questionnaire was developed and applied to a sample group of 50 individuals whose legal status in Portugal and type of residence permit fall under the same article provided for in the Portuguese immigration law, specifically, the residence permit granted to citizens from member countries of the Community of Portuguese Language Countries - CPLC - and who have been living in Portugal for more than 1,5 years. In addition to the application of the questionnaire, individual accounts were collected using a mixed methodology, taking into account both qualitative and quantitative aspects. To measure the dimensions proposed by this research, the questionnaire aimed to observe the predominant gender within this group, the age range of these immigrants, the influence of language in the decision to choose Portugal as a destination country, the level of education among this group of immigrants, and to understand the main reasons that led them to emigrate from Brazil to Portugal. Furthermore, considering the political agenda surrounding immigration issues in Europe, specifically in Portugal, this research also aimed to investigate the participants' perception regarding xenophobia against Brazilians practiced by native citizens. This dissertation also sought to understand the dimension of integration of these immigrants, observing their adaptation processes in terms of integration into the labor market, as well as integration through communication, such as cuisine, music, and climate. Finally, the questionnaire aimed to understand these immigrants' feelings regarding their satisfaction, or not, with their migratory processes and whether this influences their decision to settle permanently in Portugal. All of this data is analyzed in the final chapter of this scientific work.

Keywords: emigration; immigration; culture; sociocultural profile.

AGRADECIMENTOS:

Ao meu orientador o professor Doutor João Teixeira Lopes pela confiança e ensinamentos;

Aos docentes do colegiado de sociologia da FLUP pela troca de experiência e enriquecimento académico e (inter)social;

Aos meus filhos e ao meu neto, pela compreensão da ausência durante esta jornada;

Ao meu esposo, essa pessoa linda que Portugal me deu de presente, pela parceria ombreada, amor, cuidado e carinho.

“Nem o livro escrito pelo melhor escritor, consegue substituir a beleza de uma
experiência vivida e sentida.”
(Humberto Maturana)

ÍNDICE GERAL:

Resumo.....	04
Abstract.....	05
Agradecimentos.....	06
Introdução.....	11
Capítulo I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	15
1 – O objeto de estudo: a natureza migrante do homem.....	15
1.1 – A linguagem como elemento central entre os grupos humanos.....	30
1.2 – No contexto dos fluxos migratórios.....	35
1.3 – Os discursos ideológicos da extrema-direita e a democracia no mundo.....	38
1.4 – A teoria por trás deste movimento ultradireitista na Europa.....	43
CAPÍTULO II – METODOLOGIA.....	49
2.1 – Objetivos e hipóteses.....	51
2.2 – Materiais e Métodos.....	54
2.2.1 – Designer da investigação.....	54
2.2.2 – Universo, População e amostra.....	54
2.2.3 – Questionário e variáveis.....	55
CAPÍTULO III – ESTUDO EMPIRICO.....	56
3 – Caracterização da amostra.....	56
3.1 – SECÇÃO 01: o perfil de género do imigrante brasileiro em Portugal.....	57
3.2 – SECÇÃO 02: o perfil etário do imigrante brasileiro em Portugal.....	59
3.3 – SECÇÃO 03: o peso do idioma na hora de decidir emigrar para Portugal.	61
3.4 – SECÇÃO 04: o perfil educacional do imigrante brasileiro em Portugal.....	64
3.5 – SECÇÃO 05: a inserção do imigrante brasileiro no mercado de trabalho.. português.....	68
3.6 – SECÇÃO 06: os motivos próximos para a decisão de emigrar.....	70
3.7 – SECÇÃO 07: a perceção do imigrante brasileiro em Portugal sobre a questão da xenofobia.....	74

3.8– SECÇÃO 08: o nível de adaptação do imigrante brasileiro em Portugal.....	78
3.9– SECÇÃO 9: o nível de felicidade de imigrante brasileiro em Portugal.....	81
CAPÍTULO IV – RESULTADO.....	83
4.1 – Discussão do resultado.....	83
4.2 – Conclusão.....	92
Bibliografia.....	96

ÍNDICE DOS ANEXOS:

Anexo I: Questionário desenvolvido e implementado no presente estudo.....101

Anexo II: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....103

ÍNDICE DOS GRÁFICOS:

Gráfico I: O perfil de género do imigrante brasileiro em Portugal.....57

Gráfico II: Os motivos proximais para a tomada de decisão de emigrar.....71

INTRODUÇÃO:

A presente dissertação, inserida no âmbito do Mestrado em Sociologia, tem por objetivo geral conhecer o perfil sociocultural do imigrante brasileiro em Portugal abordando questões das várias dimensões humanas tais como: formação, trabalho e integração cultural. Para este efeito, enveredou-se por um estudo de natureza quantitativa e qualitativa assente na elaboração e aplicação de um inquérito por questionário e coleta de relatos individuais a uma amostra de 50(cinquenta) indivíduos emigrantes do Brasil para Portugal, que, comprovadamente, vivem no país há pelo menos 1,5(um e meio) anos.

Este estudo revela-se de grande utilidade no sentido de gerar uma perceção de conhecimento acerca do perfil do imigrante brasileiro no sentido social/cultural num momento em que a questão da imigração domina muitas pautas de natureza social e política por toda a Europa e um pouco por todo mundo, e, em especial para este estudo, focar-se-á na realidade concreta do imigrante brasileiro em Portugal que teve como ferramenta principal de abordagem neste inquérito, a interpretação das respostas dadas pelo grupo amostral.

Para tal, vale ressaltar o sentido etimológico de sociocultural e integração sendo que o termo sociocultural foi cunhado por justaposição neológica de sócio + cultural, e que vem sendo usado para discriminar todas as dimensões humanas e as suas relações coletivas, ganhando força singular nos séculos XX e XXI. Stuart Hall defende que *“a cultura é mais do que um conjunto de referências estéticas ou históricas de determinado grupo”* (Hall, - 1997). Apesar desse entendimento parecer óbvio, há uma complexidade profunda quando se faz a compartimentação cultural de um povo e/ou grupo social, dimensões como hábitos sociais, linguagem, nível de formação e senso crítico dos seus membros e inter-relação social e inter-relação pessoal são características marcantes que definem o comportamento de um determinado grupo.

O Brasil tem uma raiz cultural estruturada muito fortemente sobre a herança deixada pelos colonizadores portugueses, mas, ao longo dos últimos 200 anos essa

matriz foi ganhando novos componentes culturais enriquecendo e evoluindo em vários aspectos a identidade da sociedade brasileira, e, então, este enorme grupo cultural começa a criar vieses culturais próprios, levando em consideração o novo desenho político do país em que, questões locais e regionais, passaram a fazer sentido para além da herança deixada pelos portugueses como por exemplo o reconhecimento da influência cultural de outros povos que contribuíram para a formação da sociedade brasileira, visto o Brasil ser um país que se tornou o lar de milhões de imigrantes de todos os outros cantos do planeta.

A junção dessas culturas em união com a raiz da herança portuguesa formou a dimensão social brasileira e definiu a sua identidade sociocultural. E não se pode deixar de observar que nesse “caldeirão” cultural, há uma contribuição muito expressiva dada por parte dos povos originários com as suas línguas e modos de vida já existentes no território brasileiro antes da chegada dos colonizadores. Posto isto, este trabalho pretende alcançar o perfil do imigrante brasileiro em Portugal pendendo para uma análise da sua capacidade de integração na sociedade portuguesa observando as suas várias dimensões que, dentre as quais, serão citadas: a comunicação com a matriz da língua portuguesa, o nível educacional destes imigrantes, a sua faixa etária, a integração com o clima, a culinária, a musicalidade, os desafios impostos pela pauta anti-imigração muito presente nos debates políticos europeu e português, a integração profissional e por último, tentar capturar o nível de satisfação e felicidade deste imigrante com a sua decisão de deixar o Brasil rumo a Portugal para se estabelecer.

Diante disto, este trabalho é composto por três partes: o primeiro capítulo é dedicado à revisão da literatura e enquadramento científico, estado da arte do objeto de estudo: IMIGRAÇÃO: o perfil sociocultural do imigrante brasileiro em Portugal onde será feita uma abordagem mais detalhada das dimensões sociais e culturais citadas. Em seguida, o segundo capítulo abordará o planeamento sistémico da abordagem metodológica clarificando o recorte do grupo amostral e as questões trabalhadas pelo inquérito e, após isto, inicia-se o terceiro capítulo com o tratamento dos resultados onde será possível observar a caracterização dos indivíduos da

amostra transitando para as relações deste grupo com as questões postas na investigação observando as muitas variáveis que compõem as dimensões das relações sociais e culturais no âmbito da integração desses brasileiros em Portugal. E, por último, a discussão dos resultados apurados com a devida conclusão possível a partir dos dados coletados, observados e validados durante a elaboração deste trabalho contribuindo com a academia portuguesa no sentido de melhor entender o fenómeno da imigração atual em que vive o mundo dentro da particularidade da sua realidade social.

Emigrar no sentido bruto da etimologia significa sair do seu país e estabelecer-se noutra. Parece algo de fácil entendimento, mas que, na prática, envolve todas as dimensões da vida humana, emigrar significa colocar uma pausa na forma de vida conhecida até então para entrar noutra dinâmica de vida e, ao fazê-lo, o sujeito tornar-se-á um imigrante e isso, forçosamente, significa uma mudança profunda nos seus hábitos culturais.

O processo de globalização que interconectou o mundo nos últimos séculos promoveu grandes movimento emigratórios/imigratórios de pessoas ao redor de todo o mundo e, nas últimas décadas, os movimentos migratórios têm-se intensificando massivamente ao ponto de ir para o topo das agendas políticas em quase todos os países do mundo ocidental.

Recentemente, o jornalista Guga Chacra, correspondente da rede globo de televisão do Brasil em Nova Iorque definiu a imigração como sendo “um movimento pessoal de atração e repulsão” e que, segundo ele, repulsão dá-se por uma profunda insatisfação pessoal com situações que cercam a sua vida no dia a dia e a atração são os elementos que atraem o sujeito para o país que escolhe para viver.

Este movimento emigratório/imigratório alcançou o Brasil muito recentemente, até há cerca de 15 anos, a emigração brasileira era mínima, o povo movia-se muito internamente, migrando-se de regiões ou estados dentro do próprio país que, dada à sua dimensão geográfica, pode significar mudanças de longas distâncias também. Recentemente, numa visita a Portugal para o ato de receção de um prémio o cantor e compositor Caetano Veloso disse que: “para quem nasce no

Brasil, o estrangeiro é muito longe” corroborando a ideia de que sair do Brasil não é tarefa fácil.

No entanto, nos último 10 anos, acompanhando esse movimento emigratório/imigratório global os brasileiros começaram a procurar horizontes fora do país e Portugal transformou-se no destino preferido de muitos. A 20 de setembro de 2023, o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras – SEF – respondeu ao Jornal Expresso que 393,000 (trezentos e noventa e três mil) cidadãos brasileiros residem em Portugal legalmente. E, dentre estes, há pessoas vindas de todos os estados do Brasil o que imprime uma realidade multicultural muito grande visto ser o Brasil um país de natureza cultural diversa dada a influência de vários povos no seu processo de colonização sendo que a cultura portuguesa se sobrepôs às outras considerando a predominância da língua e é exatamente a língua o maior fator de atração que move o sujeito brasileiro para decidir emigrar do Brasil para se tornar imigrante em Portugal.

O Brasil fala o idioma herdado dos seus colonizadores, os portugueses. A comunicação é uma das principais dimensões da vida humana, falar o mesmo idioma do país escolhido para emigrar quebra o primeiro bloqueio cultural que envolve esse processo complexo que é mudar de um país para outro. E os demais aspetos envolvidos nessa dinâmica de mudança? Começa-se aqui então a abertura para o aprofundamento no universo sociocultural desta pesquisa cujo problema é a integração do imigrante brasileiro em Portugal.

Quando um sujeito muda de um lugar para o outro, ele leva consigo a sua bagagem cultural, todos os seus sentidos estão solidamente estabelecidos sobre a forma de vida em que ele cresceu e educou-se, mudar de um lugar para outro, coloca-o frente à necessidade de recomeçar, de entender e coexistir com outra cultura e, a partir do momento em que dois sujeitos provenientes de culturas diferentes se reúnem, já há um movimento multicultural, multi de pluralidade e de diversidade e eis o cerne desta tese: A integração sociocultural do imigrante brasileiro na sociedade portuguesa está a acontecer de forma satisfatória? Como está a ocorrer esse processo/fenómeno social?

Em tempos de globalização plena em que a notícia chega aos quatro cantos do planeta em tempo real através da rede mundial de computadores, a internet, os noticiários dão conta diariamente de situações que suscitam alguma preocupação com este tema visto que a constância em que a palavra xenofobia aparece na relação entre imigrantes brasileiros e cidadãos nacionais de Portugal. O contacto multicultural evoluiu para um contacto intercultural onde o imigrante brasileiro reconhece e respeita a cultura e o modo de viver dos portugueses? O cidadão nacional português está a permitir-se conhecer e reconhecer o imigrante brasileiro para que se estabeleça uma relação de respeito e paz entre ambos? Ao aceitar os imigrantes brasileiros em Portugal, o governo preocupou-se em estabelecer políticas integrativas que ajudem a promover essa coexistência pacífica?

As respostas para estas perguntas compõem os objetivos a serem alcançados deste trabalho científico a partir da aplicação de inquéritos para imigrantes brasileiros e que, posteriormente, serão organizados em dados estatísticos e sustentados pela literatura científica disponível que trata do tema da interculturalidade como vetor para as relações sociais em tempos de grandes movimentos de emigração/imigração ao redor de todo o mundo.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1 – O objeto de estudo: a natureza migrante do homem

Migrar, no sentido etimológico é a definição do movimento de pessoas entre diferentes espaços territoriais e os motivos são os mais variados possíveis. Podem ser por questões económicas, sociais e políticas, culturais e/ou simplesmente por um desejo de viver experiências socioculturais que sejam diferentes das suas e, considerando estas deslocações territoriais, migrar pode ser algo temporário onde a mudança ocorre por um período determinado de tempo ou também pode ser algo definitivo onde mudar de um espaço geográfico para outro passa a ser uma ação definitiva quando o indivíduo imerge para se integrar totalmente noutra espectro cultural que não o naturalmente seu.

Sob qualquer perspectiva em que se retrate a jornada da humanidade na terra será possível observar que a natureza do homem é migrante, ao longo de toda a história registrada do ser humano ele vive em constante migração na procura de melhores condições para suprir a sua necessidade de subsistência. Ou seja; a necessidade de sobrevivência e de subsistência move a vida no planeta terra. Ora, colocando um olhar mais amplo sobre essa questão mesmo sem grande aprofundamento, a literatura científica refere que até mesmo os animais migram de um espaço geográfico para outro procurando melhores condições de vida, essa é uma dinâmica intrínseca ao seu próprio instinto de sobrevivência. Aves, animais marinhos, insetos, animais terrestres, todos mudam de um lugar para outro de acordo com os meios oferecidos pela natureza para a sua sobrevivência e com o ser humano não é diferente.

Sob a perspectiva eclesial sobre o surgimento do homem, é possível encontrar, dentro das escrituras bíblicas, diversas passagens onde nações mudaram de um lugar para outro, movidas pela fé e guiadas por Deus. Um exemplo bíblico bastante definido desta dimensão religiosa que coloca em perspectiva a migração movida pelo sentido de fé, narra a promessa de Deus para o povo de Israel onde a história de Moisés guiando o povo israelita por um caminho desconhecido e para uma terra desconhecida ganha um protagonismo no cumprimento desta promessa, onde, segundo a Bíblia sagrada, na terra prometida o povo de Israel teria todas as condições para prosperarem como nação e teriam todos os meios necessários para a sua sobrevivência conforme os escritos nas referências bíblicas Josué 5:6; Jeremias 32:22; Ezequiel 20:6-15, Deus guiaria o povo de Israel para uma “(...)terra que mana leite e mel, a joia de todos os países”.

Sob uma perspectiva histórica, o lugar do homem primitivo é narrado numa dimensão tribal de organização social, começa-se ali a consolidar a ideia da capacidade do homem de interferir na natureza para criar condições mais confortáveis de vida, encontrou-se e iniciou-se ali os deslocamentos de povos de um lugar para outro até se espalharem pelos quatro cantos do planeta e com isso, com estes movimentos migratórios, nascem os processos de adaptação sendo

responsáveis pela formação das diversas etnias e biótopos humanos na terra. Segundo FELDENS (2018 p. 18-19):

Desde os primeiros antropoides até o homem de Neanderthal e até mesmo em eras bem recentes, o homem vivia exclusivamente da “apreensão” de alimentos, seja de frutas silvestres, seja da caça de animais. Eram os caçadores-coletores. As tribos viviam em ambientes que suportavam sua necessidade de alimentos. Grupos pequenos iam tomando mais espaços na natureza para sua sobrevivência. Havia um perfeito equilíbrio ecológico. À medida que os anos passam, a humanidade torna-se mais numerosa e seu espaço ambiental não supre mais sua necessidade de alimentos. O ser pensante, fundado nesta necessidade, começa a buscar soluções para os problemas. A primeira delas foi a migração para outros nichos ecológicos, para outras regiões, com mais abundância de água e comida. Os alimentos, no caso, frutas, raízes e pequenos vegetais, começavam a faltar, às vezes, por causa de fatores climáticos, outras vezes, por causa do excesso de consumo, devido ao aumento anual do número de pessoas, o acréscimo populacional. Somente uma alternativa era clara: a saída para outras regiões onde a natureza mais pródiga pudesse suprir as necessidades básicas. O homem empreende a primeira fuga – abandona seu “habitat” antigo. Neste momento, também acontece a primeira rutura entre “aquele homem e o nicho ecológico”

Desta feita, é possível observar que desde os tempos mais remotos, o homem moveu-se de um lugar para outro. Arcádios, babilônios, assírios e sumérios são povos antropologicamente registados como os formadores do ADN da antiga Mesopotâmia assim como a história referencia a civilização grega como aquela formada a partir das migrações dos Dóricos, aqueus, Jónios e Eólios e, num contexto mais proximal, a grande Roma tem a sua origem associada aos gregos, etruscos e sabinos.

Um aspeto muito comum entre esses povos era a necessidade de cultivar a terra para produzir alimentos dando assim os primeiros passos para a formação da ciência da agricultura, terras férteis e água foram fatores determinantes para definir o novo local de vida para essas sociedades seja sob a perspetiva religiosa ou sob a perspetiva antropológica, embora, não se possa deixar de dar importância ao

elemento conflito e poder que, assim como a agricultura, também movia grupos humanos de um lugar para o outro pois, já nos tempos mais remotos registrados pela história, o conflito e o poder já eram elementos presentes dentro deste que foram os primeiros modelos sociais.

Mudando um pouco a perspectiva dimensional desses agrupamentos humanos e dando um salto para o continente europeu ou para aquele que é reconhecidamente como sendo o “velho continente”, ali, também, os grupos humanos e migrantes tinham um desenho social que lhes permitia viver agrupados sendo que, neste desenho, havia os papéis sociais destes indivíduos dentro das suas comunidades. Parte desse desenho social era fortemente influenciado pelo fator conflito e poder visto que as invasões bárbaras faziam parte destes cenários e assim, define-se e estabelece-se o *comitatus* e o *beneficium* que por definição etimológica, desenhava o modelo social praticado nas bases das sociedades feudalistas que definiam a relação entre o soberano e o vassalo cujos aspetos centrais eram a fidelidade e a honra. Segundo LE GOF 2007, este desenho social dava-se da seguinte forma:

O sistema feudal repousa economicamente na posse da terra e no direito de cobrar um certo número de taxas. Isso gera uma hierarquia social e uma hierarquia de poderes. Na base dessa hierarquia está a massa dos leigos, que são 90% dos camponeses. Uma parte deles, na alta Idade Média, digamos, até o século XI, não é livre. Ainda existem escravos e, principalmente, servos, e as alforrias libertam a grande maioria dessa base social leiga. Depois vêm os senhores, que são a um tempo os proprietários, os exploradores e os beneficiários da terra e dos produtos econômicos em geral. São os senhores dos leigos. Ao lado e acima deles, estrutura-se uma hierarquia política dividida essencialmente em dois tipos de governo: os governos urbanos com magistrados urbanos, e governos que, pouco a pouco, a partir do século XI e sobretudo do século XII, assumem um aspecto estatal e geram monarquias, as principais sendo as monarquias inglesa, francesa e castelhana.

Numa tradução descritiva, *comitatus* significava a lealdade ao líder, ao soberano e onde o vassalo lhe seria leal até à morte e em troca, recebia recompensas frutificadas a partir das batalhas vencidas e *beneficium* significava a recompensa em si e que normalmente eram terras oferecidas aos cavaleiros pelos soberanos e que eram arrendadas às famílias para a prática da agricultura e parte

da produção agrícola era dada como forma de pagamento ao cavaleiro e senhor da terra e aqui já se conota a perspectiva da organização social da política entre os grupos sociais, pois o cavaleiro e senhor das terras era o líder político a quem os agricultores deviam lealdade e obediência. O auge do feudalismo foi registado entre os séculos XI e XIII, notadamente um tempo muito posterior dos registos do surgimento do homem seja na perspectiva bíblica ou na perspectiva histórica/antropológica.

A ideia de estado em si como nação com elementos políticos e sociais mais pujantes estabelece-se no século XV que foi quando ocorreu a unificação de muitas monarquias europeias sendo a unificação da Itália e da Alemanha dois grandes motores para o nascimento do sentimento e da estrutura de um estado/nação pois com a unificação destas duas monarquias, o conceito de Estados Nacionais ganha forma e dimensões sociais e políticas. A guerra dos cem anos, que durou mais de cem anos, entre a Inglaterra e a França também foi um elemento central para o enfraquecimento do feudalismo e para o fortalecimento das monarquias nacionais, tais conflitos geraram um flanco destrutivo no então modelo de sociedade existente na Europa e criam um berço de nascimento para um novo sentimento de pertencimento social onde o dever de lealdade deixa de ser ao cavaleiro e senhor da terra e passa a ser dedicado ao rei de uma nação aumentando a dimensão do universo territorial dos grupos humanos que povoavam a Europa naquele período o que muitos historiadores chamam de nascimento do Estado Moderno e morte do sistema feudal.

Este novo contorno político e social amplia e define o território, unifica as pessoas pelo sentimento de pertença, estimula as atividades mercantis gerando riquezas fora dos palácios, unifica o idioma falado naquele território, estabelece os usos e costumes culturais e religiosos, cria o compartilhamento comum de tradições e aquele grupo e/ou reunião de pessoas passa a ter identidade étnica, identidade nacional passa a configurar-se como uma nação e, a partir deste novo contexto e desta nova configuração social, a migração ganha uma nova perspectiva pois os indivíduos que antes se viam como grupo por questões e por necessidade de

sobrevivência, agora passa a ver-se dentro de um grupo social unido pelo sentido e/ou sentimento de pertença, por falar o mesmo idioma, por acreditar nas mesmas práticas culturais e por estar conetado àquele território em questão.

Este novo quadro social e político, moderno e mais livre, mudou a percepção sobre migração mas não interrompeu os fluxos de idas e vindas das pessoas entre os territórios, apenas mudou as características dos processos migratórios sustentadas sob novas formas e motivos para ir o e vir das pessoas ou grupos de pessoas e, dentro deste contexto, destacam-se os movimentos políticos macros relacionados com a procura por novas riquezas “descobrimo” novas terras e um movimento micro relacionado com pessoas ou grupos de pessoas na procura de melhorias para si e para os seus seguindo as rotas abertas dos seus países como um caminho para riquezas.

Estando o velho mundo, o continente europeu com o seu *status quo* estabelecido através da organização ocorrida a partir das suas “fusões” sociais que determinaram as monarquias europeias, inicia então, uma nova saga humana que é ainda hoje retratada como o “período dos descobrimentos” onde os reinos europeus começaram as grandes navegações para descobrirem novas terras de onde pudessem retirar bens e enriquecer, ainda mais, os seus reinos estabelecendo poder sobre novos territórios e sobre outros grupos humanos existentes fora das fronteiras oceânicas europeias. Movidos por este desejo, os reis deste período dedicaram boa parte de seus movimentos políticos nestas buscas sendo os reinos de Portugal, Espanha, Inglaterra e Holanda os mais bem sucedidos nestas empreitadas que, em muito eram entusiasticamente lideradas por homens aventureiros que acreditavam na existência de terras e riquezas do outro lado dos oceanos e, entre erros e acertos de rotas, o mundo foi redefinido geograficamente tendo a França também um grande ativo dentro do contexto das “descobertas” dos novos mundos.

Estes movimentos tiveram os seus contornos mais fortes partindo da península ibérica com a cidade de Lisboa estando em constante pressão territorial por parte de Madrid e pressão económica por parte da Inglaterra o que

desencadeou, quer seja por motivos económicos ou por motivos religiosos, a procura pela expansão de sua área de influência o que ficou muito fortalecida quando os navegadores portugueses conseguiram alcançar os arquipélagos da Madeira e dos Açores, factos que impulsionaram o imaginário dos reis e dos seus líderes mais corajosos sobre a existência de mais terras ultramarinas tanto para o lado do oceano atlântico quanto para o lado do oceano pacífico. E assim, começa um capítulo crucial para o (re)estabelecimento e (re)desenho do mundo tal qual é conhecido atualmente que foi a conquista de territórios e o estabelecimento de colónias portuguesas, espanholas, inglesas, francesas e holandesas nos continentes Americano e Africano. Não é objetivo deste trabalho aprofundar nos pormenores do período dos “descobrimentos”, sendo assim aqui apenas um sublinhar do curso da história que reconhece os intensos movimentos de pessoas e/ou grupo de pessoas entre os mais diversos territórios. Este breve contexto da importância sobre o movimento macro de pessoas através da dinâmica política patrocinada pelas coroas europeias que procuravam ampliar os seus territórios, riquezas e poder. Embora este período tenha tido a sua força nos séculos XV e XVI, o reflexo das redefinições geográficas ocorridas naquela altura histórica é fortemente sentido no mundo atual que ainda se subdivide por grupos correlacionados pelos estabelecimentos geográfico e cultural da época das grandes navegações “descobridoras.” Para ALENCANSTRO (1998, p194):

O mapeamento da rota Portugal—Açores, no segundo quartel do século XV, havia solucionado o problema crucial do toma-viagem dos navegadores no Atlântico: a partir do arquipélago açoriano, uma verdadeira autoestrada marítima, formada pelos ventos variáveis e os ventos dominantes de sudoeste, leva os navios de volta à costa portuguesa. Anteriormente, e fora dessa roca, os barcos que navegavam para o sul, enfrentavam ventos contrários no regresso, e acabavam se perdendo ao arribar no litoral africano da zona sahel-saariana, dominada pelos inimigos muçulmanos.

Na circunstância, a posse dos Açores se configura, ontem e hoje, como um triunfo decisivo no espaço atlântico. Significativamente, a expansão portuguesa nos séculos XV e XVI se apodera de pontos-chave das vias de comunicação mundiais do passado e do presente. Açores, Cabo Verde, São Tomé e Mina (no bolsão do golfo de Guiné), Luanda e o Brasil (nos dois lados do Atlântico Sul), Goa, Ormuz (no gargalo do golfo Pérsico), Mascate (no golfo de Omã), Malaca (vizinha da atual Singapura no estrito de Malaca, via de acesso ao Extremo Oriente), Macau (no litoral de Cantão, no sul do mar da China), se situam no entroncamento das rotas estratégicas do planeta.

Diante dos avanços da monarquia portuguesa no rumo de conquistar novos territórios e de obter riquezas através da sua imposição de poder sobre outros povos, outras monarquias europeias inspiraram-se para, também, realizar as suas conquistas para se afirmarem nas suas expansões territoriais ampliando o seus domínios e aumentando o seu poder e riqueza conforme se avalia a seguir a configuração atual de pessoas e países que orbitam ao entorno do poder estabelecido pelos tempos áureos das monarquias europeias.

Com o passar do curso da história e com as transições de modelos políticos principalmente entre monarquia e democracia, os reinos europeus perderam as suas forças políticas deixando de ter poderes decisórios e efetivos sobre os povos e passaram a assumir um papel mais figurativo repassando os poderes de facto para novas figuras políticas como presidentes e primeiros-ministros e o poder político dos nobres conselheiros dos reis passaram para os parlamentos eleitos pelos povos estabelecendo novas relações macros entre as nações reconhecidamente como sendo de culturas ocidentais. Não se pode deixar de referenciar a influências e as relações que os antigos reinos ainda detém sobre os seus antigos “novos territórios” que passaram ao *status* de colónia e *a posteriori*, nações independentes, mas umbilicalmente ligadas por forças inquebráveis como o idioma, a matriz religiosa e a matriz cultural.

De novo, num breve contexto, não se pode prosseguir sem evidenciar o quanto estas zonas de influências ainda permanecem ativas ao entorno dos antigos reinos, sejam através de relações comerciais ou de trocas culturais chegando mesmo no universo político. Alguns exemplos interessantes:

A Commonwealth, uma associação política intergovernamental composta, atualmente, por 56 países sendo que, destes, 54 (cinquenta e quatro) faziam parte do império britânico e que mantém, até os dias de hoje, a figura do rei Charles III como monarca constitucional e que, embora seja apenas uma figura simbólica e cerimonial, ainda detém uma certa influência nos movimentos políticos locais além de ser a figura representativa cultural dos povos membros da Commonwealth. As

relações da Commonwealth são preservadas através de um secretariado permanente com reuniões bienais entre os chefes dos governos integrantes do bloco e com intensos diálogos e trocas bilaterais. A constituição do bloco não quer dizer que todos os seus membros agem de forma unida e coesa no campo político, mas, preservam as bases das suas matrizes culturais facilitando a inter-relação económica e migratória entre estes e os povos dos estados-membros. A zona de influência da Commonwealth está presente na Europa, Ásia, América e Pacífico.

Embora a Espanha não tenha um bloco associativo com as suas ex colónias, sua influência ainda está presente nos 21 países, além dela mesma, que mantém o idioma espanhol como língua oficial. A zona de influência dos espanhóis está baseada essencialmente nas américas do Norte, Central e do Sul, ao todo, são 22 (vinte e dois) os países que têm o espanhol como língua oficial. Uma particularidade interessante dentro deste espectro linguístico dos países hispanos-latino-americanos é o Paraguai que resistiu e resiste até aos dias atuais mantendo o idioma guarani, língua indígena americana, como o seu principal idioma, mas que também compõe a comunidade de países falantes do espanhol. E, por este viés linguístico associado à matriz cultural religiosa introduzida pelos espanhóis nestes países em tela, a troca cultural acontece muito fortemente quer seja através da música, quer seja através do audiovisual, quer seja pelos costumes culinários existe um elo entre os povos hispanos-latino-americanos e a sua matriz político-cultural que é a Espanha.

Ainda neste contexto das relações umbilicais entre os antigos reinos europeus e as suas ex colónias, é necessário evidenciar a Organização Internacional da Francofonia (OIF) que atualmente conta com 93(noventa e três) países e governos participantes. O contexto da francofonia tem uma maior influência no continente africano, mas também abrange as Américas do Norte, Central e do Sul. A OIF traz na sua carta magna a promoção de cooperação intergovernamental multilateral e a promoção de trocas culturais entre os artistas dos países francófonos bem como também, a promoção da literatura. O OIF organiza as suas cúpulas a cada 04(quatro) anos onde ocorre a eleição do secretário-geral que cuidará das articulações multilaterais e bilaterais do organismo até à cúpula seguinte. A relação

política e monetária entre a França e as suas ex colónias, sobretudo com as ex colónias do continente africano, continua muito forte sendo ela a maior interveniente nos sistemas monetários daqueles países mesmo sendo eles países independentes. Isso, sem contar o completo domínio de territórios além-mar até hoje mantidos pelo governo francês. Então, ainda há cerca de 321 (trezentos e vinte e um) milhões de indivíduos em torno do antigo reino francês e estes indivíduos orbitam dentro do universo cultural linguístico e transitam entre os seus territórios e o território francês europeu ressaltando que, mesmo que haja, ainda nos dias atuais, este círculo francófono abrangente em número de indivíduos falantes da língua francesa, a matriz religiosa deste grupo é diversa sendo predominante a cultura cristã e a cultura muçulmana.

Tal qual o Reino Unido, aquela que é reconhecidamente de maneira popular como Holanda, também possui o seu reino ou Reino dos Países Baixos que compreendem o seu território europeu e 04 (quatro) territórios ultramarinos localizados no Caribe embora estes sustentem o título de regiões autónomas, porém, sob influência do reino neerlandês que um dia já dominou outros territórios além-mar nomeadamente nos continentes africanos, nas Américas do Norte e do Sul e também no Caribe. Há cerca de 23 (vinte e três milhões) de falantes de neerlandês/holandês ao redor do mundo e essa órbita é fruto do percurso histórico dos descobrimentos colocando esses 23 (vinte e três milhões) de indivíduos conetados culturalmente. Uma contextualização bastante realista deste cenário são os dados oficiais do governo do Suriname, uma ex colónia holandesa na América do Sul e que faz fronteira com o Brasil onde o governo regista que 66% dos surinameses que emigram vão para a Holanda movidos pelo sentimento de pertença linguístico-cultural. Já na África do Sul, o idioma holandês emprestou as suas raízes e a sua matriz para a evolução daquele que hoje é reconhecido como um dos idiomas falados naquele país, o Africâner que também foi uma semente plantada no período dos “descobrimentos” e que evoluiu a partir da herança dos colonizadores holandeses.

E, ainda dentro deste espectro das relações entre os antigos reinos europeus, hoje estados-nações, e os países que já foram os seus territórios coloniais maioritariamente ultramarinos, veja-se então, a relação do antigo reino de Portugal com os países que conjuntamente formam o grupo de países que compuseram as colónias portuguesas nomeadamente o Brasil na América do Sul, Angola, Moçambique, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, São Tomé e Príncipe na África e Timor Leste na Ásia e obviamente, Portugal no continente europeu. O conjunto destes países, que hoje são estados-nações republicanas independentes forma o grupo denominado como Comunidade de países de Língua Oficial Portuguesa, reconhecidamente pela sigla CPLP, no entanto, para além dos membros permanentes da CPLP, há a presença de outros países com o estatuto de observador associado sendo essa nova configuração adotada na reunião de ministros da CPLP ocorrida em Luanda no ano de 2005 com o objetivo de melhorar a cooperação internacional da comunidade, a partir deste marco histórico, a CPLP passa a contar com mais 29(vinte e nove) países com este novo estatuto. No entanto, para fins de identidade da matriz cultural, o foco da CPLP estabelece-se entre os 09(nove) países que constituem o grupo de países lusófonos em que o idioma oficial é a língua portuguesa.

A CPLP possui uma estrutura política que foi sonhada por muitas décadas, mas que, somente nos anos 90(noventa), ganhou força para ser concretizada ressaltando os esforços do então embaixador do Brasil em Portugal José Aparecido de Oliveira sendo que o passo número 01(um) para a concretização e institucionalização política da CPLP ocorreu em 1989(mil novecentos e oitenta e nove) no Primeiro Encontro de Chefes de Estados e de Governos dos Países de Língua Portuguesa que ocorreu na cidade de São Luiz, capital do Estado do Maranhão no Brasil a convite do então presidente do Brasil, José Sarney. Ali, ainda não foi o momento em que se institucionalizou a CPLP, ficou apenas a decisão de criação do Instituto Internacional da Língua Portuguesa – IILP.

Foi somente em fevereiro de 1994(mil novecentos e noventa e nove), na cimeira dos Chefes de Estado e de Governo dos Países de Língua Portuguesa

realizada em Brasília, capital federal do Brasil, que a Comunidade de Países de Língua Oficial Portuguesa ganhou os seus primeiros contornos institucionais através do seu ato constitutivo publicado 02(dois) anos depois em Lisboa, capital portuguesa mais precisamente em 17 de julho de 1996 (mil novecentos e noventa e seis) que no bojo da totalidade da sua génese diz:

Declaração Constitutiva da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP

Os Chefes de Estado e de Governo de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe, reunidos em Lisboa, no dia 17 de Julho de 1996, imbuídos dos valores perenes da Paz, da Democracia e do Estado de Direito, dos Direitos Humanos, do Desenvolvimento e da Justiça Social;

Tendo em mente o respeito pela integridade territorial e a não-ingerência nos assuntos internos de cada Estado, bem como o direito de cada um estabelecer as formas do seu próprio desenvolvimento político, económico e social e adoptar soberanamente as respetivas políticas e mecanismos nesses domínios;

Conscientes da oportunidade histórica que a presente Conferência de Chefes de Estado e de Governo oferece para responder às aspirações e aos apelos provenientes dos povos dos sete países e tendo presente os resultados auspiciosos das reuniões de Ministros dos Negócios Estrangeiros e das Relações Exteriores dos Países de Língua Portuguesa, realizadas em Brasília em 9 de Fevereiro de 1994, em Lisboa em 19 de Julho de 1995, e em Maputo em 18 de Abril de 1996, bem como dos seus encontros à margem das 48ª, 49ª e 50ª Sessões da Assembleia-Geral das Nações Unidas;

Consideram imperativo:

- Consolidar a realidade cultural nacional e plurinacional que confere identidade própria aos Países de Língua Portuguesa, reflectindo o relacionamento especial existente entre eles e a experiência acumulada em anos de profícua concertação e cooperação;
- Encarecer a progressiva afirmação internacional do conjunto dos Países de Língua Portuguesa que constituem um espaço geograficamente descontínuo, mas identificado pelo idioma comum;
- Reiterar, nesta ocasião de tão alto significado para o futuro colectivo dos seus Países, o compromisso de reforçar os laços de solidariedade e de cooperação que

os unem, conjugando iniciativas para a promoção do desenvolvimento económico e social dos seus Povos e para a afirmação e divulgação cada vez maiores da língua portuguesa. Reafirmam que a língua portuguesa:

- Constitui, entre os respetivos Povos, um vínculo histórico e um património comum resultantes de uma convivência multissecular que deve ser valorizada;
- É um meio privilegiado de difusão da criação cultural entre os povos que falam português e de projecção internacional dos seus valores culturais, numa perspectiva aberta e universalista;
- É igualmente, no plano mundial, fundamento de uma actuação conjunta cada vez mais significativa e influente;
- Tende a ser, pela sua expansão, um instrumento de comunicação e de trabalho nas organizações internacionais e permite a cada um dos Países, no contexto regional próprio, ser o intérprete de interesses e aspirações que a todos são comuns. Assim, animados de firme confiança no futuro, e com o propósito de prosseguir os objectivos seguintes:
- Contribuir para o reforço dos laços humanos, a solidariedade e a fraternidade entre todos os Povos que têm a língua portuguesa como um dos fundamentos da sua identidade específica, e, nesse sentido, promover medidas que facilitem a circulação dos cidadãos dos Países Membros no espaço da CPLP;
- Incentivar a difusão e enriquecimento da língua portuguesa, potenciando as instituições já criadas ou a criar com esse propósito, nomeadamente o Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP);
- Incrementar o intercâmbio cultural e a difusão da criação intelectual e artística no espaço da língua portuguesa, utilizando todos os meios de comunicação e os mecanismos internacionais de cooperação;
- Envidar esforços no sentido do estabelecimento em alguns Países Membros de formas concretas de cooperação entre a língua portuguesa e outras línguas nacionais nos domínios da investigação e da sua valorização;
- Alargar a cooperação entre os seus Países na área da concertação político-diplomática, particularmente no âmbito das organizações internacionais, por forma a dar expressão crescente aos interesses e necessidades comuns no seio da comunidade internacional;
- Estimular o desenvolvimento de ações de cooperação interparlamentar;

- Desenvolver a cooperação económica e empresarial entre si e valorizar as potencialidades existentes; através da definição e concretização de projectos de interesse comum, explorando nesse sentido as várias formas de cooperação, bilateral, trilateral e multilateral;
- Dinamizar e aprofundar a cooperação no domínio universitário, no da formação profissional e nos diversos setores da investigação científica e tecnológica com vista a uma crescente valorização dos seus recursos humanos e naturais, bem como promover e reforçar as políticas de formação de quadros;
- Mobilizar interna e externamente esforços e recursos em apoio solidário aos programas de reconstrução e reabilitação e ações de ajuda humanitária e de emergência para os seus Países;
- Promover a coordenação das atividades das diversas instituições públicas e entidades privadas, associações de natureza económica e organizações não-governamentais empenhadas no desenvolvimento da cooperação entre os seus Países;
- Promover, sem prejuízo dos compromissos internacionais assumidos pelos Países Membros, medidas visando a resolução dos problemas enfrentados pelas comunidades imigradas nos Países Membros, bem como a coordenação e o reforço da cooperação no domínio das políticas de imigração;
- Incentivar a cooperação bilateral e multilateral para a proteção e preservação do meio ambiente nos Países Membros, com vista à promoção do desenvolvimento sustentável;
- Promover acções de cooperação entre si e de coordenação no âmbito multilateral para assegurar o respeito pelos Direitos Humanos nos respetivos Países e em todo o mundo;
- Promover medidas, particularmente no domínio pedagógico e judicial, visando a total erradicação do racismo, da discriminação racial e da xenofobia;
- Promover e incentivar medidas que visem a melhoria efetiva das condições de vida da criança e o seu desenvolvimento harmonioso, à luz dos princípios consignados na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança;
- Promover a implementação de projectos de cooperação específicos com vista a reforçar a condição social da mulher, em reconhecimento do seu papel imprescindível para o bem-estar e desenvolvimento das sociedades;

• Incentivar e promover o intercâmbio de jovens, com o objetivo de formação e troca de experiências através da implementação de programas específicos, particularmente no âmbito do ensino, da cultura e do desporto. Decidem, num ato de fidelidade à vocação e à vontade dos seus Povos, e no respeito pela igualdade soberana dos Estados, constituir, a partir de hoje, a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Feita em Lisboa, a 17 de Julho de 1996.

Pela República de Angola

Pela República Federativa do Brasil

Pela República de Cabo Verde

-Pela República da Guiné-Bissau

Pela República de Moçambique

Pela República Portuguesa

Pela República Democrática de São Tomé e Príncipe

E, assim, constitui-se então a Comunidade de Países de Língua Oficial Portuguesa tendo como base de valores o ato constitutivo transcrito acima. Dentre todos os pontos observados por este ato constitutivo, um em especial chama atenção para este trabalho que diz:

Encarecer a progressiva afirmação internacional do conjunto dos Países de Língua Portuguesa que constituem um espaço geograficamente descontínuo, mas identificado pelo idioma comum;

Quando os Chefes de Estados e de Governos decidem pela criação do Instituto Internacional da Língua Portuguesa – IILP e estabelecem este ato constitutivo para a criação da Comunidade de Países de Língua Oficial Portuguesa – CPLP – destacando a progressiva afirmação internacional do conjunto de países de língua portuguesa que se constituem geograficamente de maneira descontinuada, mas identificados pelo idioma comum, há um reforço político sobre a ideia de que as pessoas, historicamente, se agrupam em torno de um idioma onde as línguas com o maior ou menor número de falantes de um grupo de nações e de pessoas agrupadas a partir deste aspeto de identidade que é a comunicação fazem um aspeto importante que define o seu grau de influência perante a comunidade internacional, e esse é um fator importante que une pessoas ao redor do planeta nos mais diferentes tempos e contextos históricos.

Considerando a teoria da Evolução Biológica e, em particular, a evolução humana, a seleção natural preconizada por Darwin e exaustivamente estudada pelos seus sucessores, cria um campo de compreensão que estabelece a diversificação dos seres partindo dos princípios da genéticos e culturais. Sobre isto, WILSON (1999 p.124) diz:

“Toda cultura provém da cultura. Portanto, *omnis cultura ex cultura*. Quer essa metáfora seja aceita ou não, a verdade inegável é a que cada sociedade cria cultura e é criada por ela (...) a vida coletiva simbólica da mente ganha forma, unificando o grupo em um mundo de sonhos que domina a realidade externa em que o grupo foi criado, seja uma floresta, campo, deserto, campo de gelo ou cidade, tecendo deles as redes de consenso moral e ritual que unem cada membro da tribo ao destino comum”.

Então, o homem é movido por valores comuns que os unem racionalmente e esse é um vetor de sobrevivência individual ou em grupo e a capacidade de racionalizar permite-lhe organizar as suas ferramentas de sobrevivência, sobre cultivo de alimentos e sobre a linguagem e então, inicia-se o complexo agrupamento humano e nascem os desenhos sociais e étnicos concorrentes ou cooperantes. Ou seja: a linguagem é uma das características mais marcantes, comunicar é imprescindível para a convivência e coexistência coletiva. Então, não é de causar surpresa que os mais variados contextos históricos tenham a linguagem e a comunicação como tema central para a manutenção das conquistas de uns povos sobre outros povos nos tempos coloniais e para a organização política desta herança nos tempos modernos e de reconhecimentos das nações livres e donas dos seus valores sociais, económicos e políticos.

1.1 – A Linguagem como elemento central entre os grupos humanos

Um Idioma constitui um sistema social que organiza as interações humanas sob vários aspetos importantes dos quais se pode salientar como muito importantes a transmissão do conhecimento e a expressão do pensamento pois tais aspetos são o que acaba por gerar a interação entre indivíduos dentro deste sistema social e que formam as comunidades, então, o idioma é um património cultural importante para uma comunidade e o ser humano, no seu ciclo biológico de vida, traz consigo as ferramentas necessárias que lhe permitem desenvolver as suas habilidades

linguísticas individuais para se integrar coletivamente na sua comunidade de nascimentos e interagir com os demais membros desta comunidade que vem a constituir-se numa sociedade. Segundo Lessa, 2010;

O carácter social da língua é facilmente percebido quando levamos em conta que ela existe antes mesmo de nós nascermos. Cada um de nós já encontra a língua formada e em funcionamento, pronta para ser usada. E, mesmo quando a pessoa deixa de existir, a língua subsistirá independentemente de nós. A língua pertence a todos os membros de uma comunidade; por isso faz parte do patrimônio social e cultural de cada coletividade.

A transmissão de conhecimento, a expressão de pensamentos que culminam na constituição de valores de uma sociedade são elementos próprios da condição humana de se comunicar através da linguagem e é, portanto, um patrimônio coletivo cuja existência independe da existência ou não de um indivíduo específico. Quando o indivíduo nasce dentro de um grupo social humano, a linguagem já está presente e mesmo após a morte, a língua permanecerá viva, ela está ali por uma construção histórica e social que serviu como instrumento de agrupamento e servirá para a sustentação da base cultural deste mesmo grupo. A língua é o código imaterial que pertence a todos os indivíduos agrupados nos mais diferentes grupos ao redor do planeta independentemente de posições políticas ou gradeza de poder económico, tanto um grupo linguístico com milhões de falantes ao redor do mundo ou um grupo pequeno de uma tribo selvagem em algum lugar remoto do planeta tem na língua falada comumente a sua principal esteva de sustentação para a sobrevivência e evolução da cultura em questão. EAGLETON, (2005, p.55) diz que a cultura é o “o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico” e o estabelecimento destes valores, destes costumes, destas crenças e destas práticas de interação social são regidos pela língua, pela capacidade dos indivíduos de se fazerem entender uns aos outros e este processo é fundamental também, para a construção da identidade individual para que este indivíduo se reconheça dentro como uma “célula” pertencente ao seu grupo cultural. Então, para assim definir a linguagem, é suposto entender que há uma certa

facilitação de locomoção entre indivíduos falantes do mesmo idioma em transitar dentro de territórios cujo seu sentido de pertença lhe é familiar a partir do reconhecimento do seu próprio idioma mesmo quando este outro território está, geograficamente, descontinuado, mas unidos pela língua falada. Entender o que o outro fala é uma ferramenta importante para entender mesmo as nuances mais sutis de uma cultura que não é a sua. Aqui, sob uma ótica social de que a linguagem é um organismo vivo em constante processo evolutivo, a identidade também o é, não se trata de um conjunto de valores estáticos e é o contato dos indivíduos dentro do seu grupo ou de um grupo familiar na sua linguagem que acaba por construir novos paradigmas “performais” para o idioma.

Humberto Maturana(1988), em seus ensaios sobre a cognição e a linguagem afirmou que:

Eu afirmo que nossa maneira de saber, na vida cotidiana, se duas ou mais pessoas estão ou não interagindo na linguagem revela o que fazemos quando estamos linguajando, qualquer que seja nosso domínio de operações. Em outras palavras, afirmo que a linguagem acontece quando duas ou mais pessoas em interações recorrentes operam através de suas interações numa rede de coordenações cruzadas, recursivas, consensuais de coordenações consensuais de ações, e que tudo o que nós seres humanos fazemos, fazemos em nossa operação em tal rede como diferentes maneiras de nela funcionar. Ou seja, afirmo que nós, seres humanos, existimos como tais na linguagem, e tudo o que fazemos como seres humanos fazemos como diferentes maneiras de funcionar na linguagem. Além disso, afirmo também que a linguagem, como um fenômeno biológico, em sua origem filogenética e em sua constituição ontogenética, é uma operação num domínio de coordenações consensuais de coordenações consensuais de ações que surgiu como um resultado da coexistência íntima em coordenações de ações na linhagem de primatas bípedes à qual pertencemos, e que tem de ser estabilizada novamente em cada criança durante sua co-ontogenia com os adultos com os quais ele ou ela cresce. Isto é, eu afirmo que:

a) o linguajar não é um sistema de operação com símbolos abstratos na comunicação;

b) os símbolos não preexistem à linguagem, mas surgem depois dela e nela como distinções, feitas por um observador, de relações consensuais de coordenações de ações na linguagem;

c) embora a linguagem aconteça através das interações corporais e das mudanças corporais envolvidas nas coordenações consensuais de coordenações consensuais de ações daqueles que estão linguajando, ela não acontece no corpo dos participantes, porque acontece no fluxo de suas coordenações consensuais de coordenações consensuais de ações;

d) embora a linguagem não aconteça nos corpos daqueles que estão na linguagem, o curso das mudanças corporais daqueles que interagem na linguagem entrelaça-se com o curso de suas coordenações de ações, e o curso de suas coordenações de ações entrelaça-se com o curso de suas mudanças corporais, ao surgirem estas no fluxo de seu linguajar; e

e) aquilo que o observador vê como o conteúdo de um processo de linguajar é uma distinção na linguagem, que um observador faz, das relações de um processo de linguajar numa rede de linguajar. O resultado desta condição de constituição da linguagem é que nós, seres humanos, existimos como observadores na linguagem, e quaisquer distinções que façamos são operações na linguagem, em conformidade com circunstâncias que surgiram em nós na linguagem.

Partindo deste pressuposto, é possível observar que ser humano, em sua evolução biológica nasce com um organismo cognitivo vivo que o permite construir a sua identidade a partir da linguagem e que, ao estabelecer relações sociais dentro do seu grupo, ele reforça a identidade coletiva deste grupo e isto facilita o processo de contacto com outros grupos pertencentes a esta mesma matriz cognitiva ampliando esta identidade social para um universo multicultural mas que se encontram no entendimento que a língua falada proporciona. Isso reforça a ideia de que é muito mais fácil para um indivíduo locomover-se entre territórios sociais que possuem o idioma como referência cultural comum.

Trazendo este debate para o universo atual, pode-se assim afirmar que, ao tomar a decisão de emigrar do seu território, é mais tendencioso que este indivíduo escolha emigrar para outro território cuja identidade linguística lhe seja familiar e que faça parte da sua própria identidade cultural e que haja corredores políticos que

Ihe facilitem este trânsito pois como bem se viu ao longo da construção desta pesquisa que o processo político evolutivo das sociedades, sobretudo no que se refere à influências dos antigos reinos europeus com as suas colónias, os grupos organizados que têm em comum um determinado grupo linguístico também levam em considerações os interesses económicos internos e a mobilidade dos seus cidadãos.

Tratando-se especificamente da Comunidade de Países de Língua Oficial Portuguesa – CPLP – pode-se observar, no seu ato constitutivo, que o idioma é mesmo o tema central deste arranjo político, não deixando de fora, claro, as questões económicas, porém, dando uma ênfase muito importante ao idioma. Ainda dentro do entendimento desta que é politicamente reconhecida como CPLP, há um sub-grupo importante que consiste na maioria de países do bloco nomeadamente, o os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa – PALOP – que compreende o maior grupo de países com maior proximidade de identidade cultural tendo em conta a localização geográfica continuada dentro do continente africano. A República Federativa do Brasil ocupa uma posição de isolamento dentro do continente americano sendo o único país de língua oficial portuguesa naquele continente mais especificamente na região sul do continente americano e, por ser um país de dimensões continentais, a fluxo migratório dos brasileiros é maior dentro do próprio território. Para além da realidade do Brasil, há o Timor-Leste que figura um posicionamento geográfico no continente asiático mais precisamente na faixa sudeste e que também sofre um certo isolamento linguístico dentro do continente asiático. Então, a língua lusófona que tem Portugal e os portugueses como força aglutinadora desta multidão de falantes deste idioma, congrega na sua dinâmica orgânica e social cerca de 260 milhões de pessoas que a têm como a sua língua materna. Ou seja: 3,7% da população mundial fala português colocando-o como a 9ª(nona) língua mais falada no mundo e, deste total, pouco mais de 212(duzentos e doze) milhões são brasileiros e a outra parte cerca de 48(quarenta e oito) milhões estão divididos entre europa como a população portuguesa, os africanos lusófonos pertencentes ao grupo dos PALOP e os asiáticos de Timor-Leste.

Sendo Portugal, na Europa, o agregador desta cultural linguística, existe um movimento orgânico para que indivíduos dos territórios além-mar que falam português, escolham Portugal como porto seguro para emigrar dos seus territórios. Em referência ao Brasil, nesta matéria de imigração, Portugal é o segundo país cujos brasileiros escolhem para se estabelecerem numa nova vida sendo os Estados Unidos da América o país onde se encontra a maior comunidade brasileira fora do Brasil. Mesmo assim, a comunidade brasileira em Portugal é a maior comunidade estrangeira com uma população estimada em cerca de 600 (seiscentos) mil indivíduos, número atualmente incerto por parte das autoridades portuguesas.

Um ponto importante deste movimento orgânico da língua e/ou idioma é a sua constante evolução, a interseção dos diferentes sons destacados como sotaques ou pequenas diferenças entre significados de determinadas palavras enriquece a estrutura da língua elevando-a a um processo de maior clareza e solidez da sua matriz para os seus indivíduos falantes afirmando-a como identidade individual e coletiva de um povo que se torna único mesmo com espectros geográficos e culturais plurais.

1.2 – No contexto dos fluxos migratórios

O ser humano ao longo da sua história, constituiu-se como um migrante, explorou territórios, procurou riquezas, sobrepôs poder e dominação e foi se afirmando e se organizando em grupos políticos cada vez mais modernos e inquieto nessa busca incessante por alcançar os seus objetivos e desejos sejam coletivos ou individuais. Ou seja: o homem sempre esteve de um lado para outro do planeta. No início em grupos que procuravam a subsistência e depois, cada vez mais individualizados nestas jornadas migratórias. E a existência desses corredores políticos entre territórios criados por afinidade linguística e por influência de poder, foram e são elementos facilitadores que ajudam os indivíduos decididos à migração a moverem-se com uma certa segurança. A dinâmica política que levou o mundo para o que hoje é reconhecido como globalização, também ainda é uma dinâmica promotora de movimentos humanos ao redor do planeta e aí saindo do

corredores políticos promovidos pelos grupos de influência, a globalização ajudou e ajuda com que pessoas das mais diferentes culturas e línguas reúnam condições para ir explorar o totalmente desconhecido, migrando dos seus territórios para outros territórios onde não há traços de similaridade cultural com a sua identidade individual. É um processo corajoso porque requer um “recomeçar-se” cultural. Seja tendo de aprender um novo idioma, seja por ter de aprender a gostar de novos sabores culinários e quer seja por ser forçado a aprender a reconhecer e a comportar-se dentro de um novo espectro de valores morais e éticos. Viver a experiência emigratória dentro de um território cuja identidade linguística é a mesma já é, por si só, é um grande desafio, viver a experiência emigratória num território longe de qualquer espectro da sua identidade social impõe um desafio ainda maior.

Nas ultimas décadas, o fluxo migratório no planeta foi intenso, a ordem política ou a falta dela foram elementos determinantes para este fenómeno, dentro daquilo que pode ser chamado de ordem política, distingue-se o enriquecimento de determinados países onde houve a abertura de muitas portas de oportunidades partindo da necessidade de mão de obra laboral por exemplo em que os países que mais cresceram claramente, abriram mais postos de trabalho transformando-se em um território propício para receber emigrantes de todas as partes do planeta. Na outra ponta, países cuja falta de ordem política foi ou é um imperativo que obrigou e/ou obriga parte da sua população a emigrar em busca de melhores condições de vida aumentando exponencialmente o número de refugiados que fugiram ou fogem da falta de trabalho e de condições de subsistência e ainda há os casos em que a total falta de ordem política tendendo para modelos de poder absoluto, além de gerar a pobreza com a falta de oportunidades de trabalho, os conflitos armados internos e externos aumentaram de forma vertiginosa o número de pessoas que não escolheram emigrar, foram forçadas a isso. Mudaram dos seus territórios sem mesmo saber onde iam parar ou como seria essa mudança, mas ficar tornou-se uma escolha entre viver ou morrer e, para além disso, há os novos emigrantes que fogem dos eventos pertinentes às mudanças climáticas em que começou a chover demais onde não havia chuva, passou a secar o que era naturalmente irrigado e isso mudou radicalmente a forma de vida de determinados grupos sociais,

sobretudo daqueles que tem a agricultura familiar como meio de subsistência e/ou sobrevivência. A -equipa da Agência da ONU para Refugiados – ACNUR - define refugiados ambientais “como sendo pessoas que foram obrigadas a abandonar temporária ou definitivamente a zona tradicional onde vivem, devido ao visível declínio do ambiente (por razões naturais ou humanas) perturbando a sua existência e/ou a qualidade da mesma de tal maneira que a subsistência dessas pessoas entra em perigo” (EQUIPA ACNUR, 2013). Historicamente, as guerras motivadas por ordem política ou por falta dela sempre foram vetores de migrações involuntárias. Já o conceito de refugiados ambientais ainda está em construção dado ao fato de ser um fenómeno novo e assuas consequências ainda não são de todo conhecidas.

Esta série de eventos disformes daquilo que a globalização estabeleceu como normal onde as cadeias produtivas se organizaram ao redor do mundo de forma a produzir riquezas no maior número de territórios possível, começa a provocar “esse novo normal” em que a ordem política já não consegue dar as respostas necessárias e/ou satisfatórias para o assento económico e os meios de subsistência necessários para que os povos e grupos sociais se fixem dentro do seu território com condições dignas para viver e criar as suas famílias.

Diariamente, as televisões ao redor do mundo e as redes de *internet* alarmam as populações mostrando imagens fortes de chegadas e partidas de pessoas transitando entre territórios sob as mais variadas condições e motivos, sejam eles individuais ou em grupo e, dentro desta dinâmica orgânica que tem a falta de ordem ou insuficiência política como base, logicamente as pessoas ou grupos procuram estabelecer-se onde haja alguma fresta de segurança principalmente financeira onde as suas necessidades básicas sejam supridas. Isso gerou uma pressão migratória para os países ricos que, dentro do contexto multicultural e regidos pelas cartas e acordos voltados para as questões de direitos humanos, viram-se “obrigados” a acolher esse fluxo de pessoas “fugitivas” das guerras, da pobreza e da falta de oportunidades e por último, essa nova modalidade de migrante que são os deslocados pelas mudanças climáticas.

Esse novo normal, por sua vez, desestabilizou o fluxo de migração que antes era “normal” em que as pessoas escolhiam emigrar, como emigrar, para onde emigrar, quanto dinheiro deveriam ter para se reestabelecerem, quais cursos educacionais deveriam seguir para se realocarem no mercado de trabalho dando lugar a uma migração sem muitas escolhas onde o maior objetivo é a sobrevivência. Com isso, as políticas de imigração dos países ricos ficaram sob uma pressão muito forte e já não conseguem dar respostas aos problemas trazidos por esse “novo normal” provocado por mudanças, muitas vezes drásticas na ordem política e social do mundo. Aí, as questões de identidade linguística e identidade de matriz cultural começam a ser transformadas num “problema” onde, ao invés de pontes identitárias, cria-se um berço perfeito para o nascimento de grupos políticos populistas que colocam a imigração como sua a bandeira maior.

É visível a forma rápida como partidos nacionalistas ultraconservadores estão em pleno crescimento ao redor do mundo. Diga-se do mundo ocidental, pois nas partes do mundo em que os regimes políticos são de poder absoluto, o ultraconservadorismo já é o *status quo* que dita e regra a vida das pessoas. Basta uma breve e superficial análise sobre a orgânica política do mundo ocidental para ver que sim, há um crescente nos movimentos que colocam a imigração como o inimigo número 01(um) da orgânica económica do país com o discurso do “roubo dos postos de trabalho” e/ou uma associação direta da imigração a um suposto aumento da violência urbana.

1.3 – Os discursos ideológicos da extrema-direita e a democracia no mundo

Com o surgimento de líderes políticos que verbalizam esses discursos nacionalistas, mesmo que populistas, a população fica num estágio de ânimos aflorados onde indivíduos que antes tinham algum receio de se mostrarem racistas ou xenófobos por exemplo, veem-se validados e perdem o pudor social em declarar-se contra a presença de pessoas e/ou grupo de pessoas nos seus territórios e este tipo de movimento dentro dos grupos sociais dá forças à famosa “polarização” onde as pessoas passam a congregar-se por afinidades de ideias e com isto, os

processos eleitorais ao redor do mundo transformaram-se em palcos de conflito que saem completamente do campo do debate de ideias e passam para um campo pessoal onde uma pessoa passa a ser inimiga da outra simplesmente por divergência no campo da ideologia política fazendo com que os discursos percam totalmente a urbanidade caminhando para um lado agressivo perigoso.

Esse movimento agressivo no campo político não é isolado dentro dos territórios, mas trata-se de um movimento articulado onde as ideias populistas e/ou radicais que colocam a imigração como inimiga atravessam oceanos e mudam de idiomas. Os líderes que sustentam essa pauta encontram-se, conversam entre si, fazem conferências, traçam estratégias, apoiam-se uns aos outros nas suas respectivas campanhas eleitorais e, com as facilidades de comunicação oferecidas com a existência da *internet* os seus vídeos vociferando palavras de ordem, muitas vezes, descontextualizadas, “viralizam” nas redes sociais com uma velocidade impressionante.

Este discurso também faz parte de uma estratégia para a tomada de poder colocando os pilares da democracia em risco. Segundo o relatório do Instituto Internacional para a democracia eleitoral (*international IDEA*), através do seu relatório anual *Global State of Democracy*, divulgado em 02 de novembro de 2023, o estado atual da democracia foi descrito como “complexo, fluído e desigual”. Segundo este mesmo relatório, apenas 9% da população mundial vive em uma democracia plena. A ascensão de governos que chegam ao poder pelas vias democráticas e depois pendem para autocracias ou outros modelos de governança totalitária é um movimento político social que ainda não está totalmente decifrado, o estado pleno da democracia tem sofrido duros golpes ao longo dos últimos anos à medida em que os países vão realizando os seus pleitos eleitorais. Segundo Lagos 2018, encontramos-nos numa etapa de crise democrática onde aborda três linhas de análise:

1. Los estudios de opinión y los índices de calidad que llevan a cabo organismos internacionales o regionales, miden o analizan diferentes atributos con distintos parámetros, coinciden en el diagnóstico de un retroceso democrático global. A manera de

ejemplo, al analizar los resultados de su encuesta sobre el estado de la democracia en Latinoamérica, el Latinobarómetro concluye que ésta se encuentra en una recesión derivada de, entre otros factores: el bajo apoyo a la democracia, el aumento en la indiferencia hacia esa forma de gobierno, la proclividad de los latinoamericanos por gobiernos autoritarios pero que resuelvan sus problemas y el pobre desempeño de gobiernos y partidos políticos para afrontar o proponer soluciones a las diversas crisis (La recesión democrática en América Latina, 2023). Por su parte, el Barómetro de las Américas (Lapu et. al, 2023), aunque encuentra razones para el optimismo entre el activismo de las juventudes latinoamericanas que buscan un cambio en la sociedad, sus datos estadísticos muestran, por ejemplo, que, si en 2004 el apoyo a la democracia se encontraba en un 68% entre sus encuestados, para la ronda del 2023 este porcentaje bajó al 59%. Entre las múltiples razones que explicarían este declive, encontramos que cerca del 70% de los encuestados expresó serias dudas sobre la secrecía de su voto. No es casual entonces que, en una ronda previa (Lapu et. al, 2021), este análisis encontró que más de la mitad de sus encuestados intercambiaría bienestar por derechos políticos, favoreciendo así gobiernos de liderazgos fuertes que les prometan mejorar su calidad de vida a costa de sus libertades y derechos. Por su parte, Internacional IDEA (The Global State of Democracy, 2023), reporta que “Durante los últimos seis años consecutivos, más países han experimentado caídas en su calidad democrática de los que han mejorado, siendo 2021 el peor año registrado” (p. 18). En Latinoamérica, Nicaragua y El Salvador son el ejemplo de la tendencia mundial pues su retroceso en Estado de Derecho y Representación de la pluralidad social, son el resultado de dinámicas autoritarias por parte de sus respectivos gobiernos, dinámicas que crean gobiernos centralizados para escapar al control de los pesos y contrapesos típicos de la democracia. El avance del autoritarismo como principal factor para la crisis de la democracia también es respaldado por la agencia The Economist IU quien, en su Democracy Index. Frontline de mocracy and the battle for Ukraine (2023), reporta que más de un tercio de la población mundial vive bajo gobiernos autoritarios

(36.9%) y que tan sólo 72 de los 167 países y territorios cubiertos por su modelo (43.1% del total), pueden considerarse democracias.

2- El esfuerzo explicativo y de análisis que cada organismo realiza anualmente nos ofrece una vista panorámica de la democracia; pero al basar su estrategia método lógica en constatar la presencia, ausencia o debilitamiento de ciertos componentes democráticos, sus resultados tan sólo son el detonante para la búsqueda de explicaciones sobre la crisis democrática. (...) Al centrarse en un aspecto de la democracia — elecciones, instituciones, transiciones, apego ciudadano, legalidad— cuyo debilitamiento le puede cambiar su fisonomía, estas perspectivas pueden ser precisas y fructíferas al ofrecernos alternativas sobre lo que debe ser fortalecido al interior de este tipo de régimen.

3- Sin embargo, sus categorías son obtenidas de análisis que no suelen cuestionar los componentes fundamentales de la democracia o que no se interroga por sus debilidades para permitir la aparición de las amenazas o consideran a éstas como fenómenos externos a la democracia (...).

Observando a queda da qualidade da democracia na América Latina e os relatórios oficiais das diversas organizações que se ocupam deste tema ao redor do mundo, é possível afirmar que este *“modus operandi”* ultrapassou mesmo todas as barreiras geográficas e assumiu uma forma similar nos vários continentes, sendo os pilares deste *modus operandi*, estes os mais fáceis de identificar:

- a) A descredibilização das instituições jurídicas enfraquecendo o poder judiciários com discurso que levam a população à “desconfiar” das mesmas.
- b) Descredibilizar as instituições dos sistemas eleitorais e aqui é possível descrever um paralelo interessante que no final, chegam ao mesmo lugar: a desconfiança e o cansaço do povo com os processos eleitorais e esse paralelo pode ser tratado entre o sistema eleitoral brasileiro e o sistema eleitoral português onde, no Brasil, os políticos radicais bravam discurso contra o sistema das urnas eletrônicas mesmo com a elaboração de provas

e contraprovas que se trata de um sistema seguro e blindado para “hackeamento” digital por exemplo, tais discursos plantam a dúvida na cabeça dos eleitores gerando um acirramento acentuado dos ânimos do povo nos períodos eleitorais e, em Portugal, a sucessiva queda dos governos com legislaturas cada vez mais curtas gerando um cansaço na população em relação à política. Nas duas situações, a democracia é a maior perdedora com seu sistema de pesos e contrapesos em constante pressão.

- c) A produção em massa de conteúdos que pregam os valores ultraconservadores e disseminando-os nas redes sociais tendo a *internet* como uma grande aliada na propagação desses discursos e os governos sendo, cada vez mais, obrigados a debaterem a regulação das redes sociais embora esse seja um tema espinhoso pois, dentro deste discurso, a “liberdade de expressão” é usada a todo o vapor para justificar a propagação de mentiras e notícias falsas através das redes sociais.
- d) E, por último e não menos importante, a necessidade de eleger um inimigo do povo com a ideia de que somente este político ou aquele partido será capaz de salvar a população deste inimigo. Na América Latina o inimigo eleito é o comunismo e, na Europa e Estados Unidos da América, o inimigo criado é a questão da imigração.

No território europeu, a ideia de multiculturalismo estabelecido como valor para os países do bloco é elemento fundamental nos discursos dos políticos dos partidos ultradireitistas e já está disseminado, com todas as suas contradições, por todo o continente pois eles, os radicais, associam os problemas sociais que os países do bloco enfrentam à ideia da ordem multicultural.

Um exemplo interessante foi o que ocorreu recentemente no pleito eleitoral alemão em que o partido denominado Alternativa Para a Alemanha – AfD – obteve 20% dos votos elegendo 152 deputados do total de 630 assentos parlamentares do país. Na sua campanha, não faltaram elementos da cartilha do discurso político da extrema-direita e esse exemplo torna-se interessante a partir do momento em que se observa as contradições entre o discurso e a vida real como ela é. A líder da AfD, Alice

Weidel, é declaradamente lésbica, casada com uma imigrante Suíça nascida no Sri Lanka e juntas, elas têm dois filhos que vivem na Suíça, fronteira com a Alemanha sendo que o seu partido votou contra o casamento homossexual e contra a adoção de crianças por casais homossexuais o que se mostra um contrassenso tendo em vista que a extrema-direita defende os valores da família homem-mulher-filhos sob os desígnios de Deus e amor pela pátria e ressalta-se aqui que esse padrão se repete tanto na América Latina onde o inimigo é o comunismo quanto na Europa e Estados Unidos da América onde o inimigo é a imigração. Espanha, Hungria, Países Baixos, Suécia, Finlândia e por onde a literatura política europeia alcança, há uma crescente onda ultradireitista cuja base ideológica comum é o discurso contra a imigração.

1.4 – A teoria por trás deste movimento ultradireitista na Europa

Os estudiosos da política usam um jargão que se tornou muito popular nos últimos tempos onde eles afirmam que “em política, nada é por acaso, nada é coincidência e tudo tem um sentido”. O pilar gerador e que dá sustentação para este discurso acirrado contra a imigração centra-se numa teoria elaborada e publicada pelo escritor francês Renaud Camus que, no seu livro, *“Le Grand Remplacement”* ou *A Grande Substituição* propaga a ideia de que o povo europeu tem um inimigo interno que objetiva substituir os brancos europeus e a sua cultura por pessoas vindas de fora da Europa e de outras culturas. É essa a ideia que dá sustentação para os partidos europeus de extrema-direita e não por acaso, já está espalhada por muitos outros países fora da Europa incluindo os Estados Unidos da América e até mesmo um pouco pelo hoje conhecido como sul-global, embora por lá, o inimigo seja o comunismo e não a imigração.

Esse conceito não é novo, remonta do final do século XIX, mas foi com a publicação do livro de Comus em 2010 que essa ideia ganhou força e popularidade. Segundo Comus, o multiculturalismo como valor europeu e as políticas de acolhimento da União Europeia facilitando a entrada de pessoas de outros países que fazem parte de uma conspiração do mal em que a elite política da Europa pretendia ou pretende substituir o povo e a cultura da mesma trocando-os por uma

população não branca e não cristã e por óbvio, essa afirmação foi ao encontro com a presença de comunidades não branca e muçulmana residentes na França e noutros países europeus sobretudo porque, para Camus, essas comunidades teriam uma taxa de natalidade muito superior à taxa de natalidade dos europeus que acelera em muito, a substituição cultural e de raça o que acabaria por se tornar uma ameaça ao modo de vida das culturas e tradições seculares dos povos europeus.

As teorias de Camus ganharam força e serviram como suporte para legitimar a divisão da opinião pública polarizando ainda mais as pessoas entre os que não veem mal algum na imigração e os que se sentem ameaçados por ela. As pessoas mais progressistas não se sentem ameaçadas pela imigração e os conservadores veem nela um mal terrível e por isto, Camus é rapidamente transformado numa espécie de “guru” ideólogo da extrema-direita sobre a questão da imigração assim como Olavo de Carvalho se tornou o “guru” ideólogo contra o comunismo na América Latina.

Conforme observado sobre o fluxo migratório nos últimos anos, à medida em que agora, no século XXI aumentaram os pedidos de asilo na Europa bem como nos Estados Unidos, essa teoria ganha força um motivo perfeito para continuar a alimentar ainda mais a chama dos “que são contra e dos que são a favor da imigração” aprofundando ainda mais a polarização política no continente europeu o que deu um gás extra à recente campanha de Donald Trump na corrida à casa Branca no pleito eleitoral estadunidense o que culminou mesmo com a sua eleição e com o início de uma controversa política severa de deportação em massa de imigrantes que viviam nos Estados Unidos para os seus países de origem ou mesmo sendo enviados para prisões em outros países.

Na Europa, figuras como Marine Le Pen, líder no partido da União Nacional na França, Viktor Orbán, primeiro ministro húngaro que está no poder desde o ano de 2010(dois mil e dez), Alicia Weidel na Alemanha, o líder no partido CHEGA em Portugal, André Ventura e outros políticos europeus, movidos por uma ideologia nacionalista ultradireitista e sustentados pela teoria de Comuns, dão vida à família

política “Patriotas pela Europa”, a maior nova família política no parlamento europeu capitaneada pelo primeiro ministro Húngaro Viktor Orbán e que tem, na sua bancada, 23 eurodeputados, requisito mínimo para o seu reconhecimento perante o parlamento europeu.

Considerando toda essa dinâmica política e social na Europa, os patriotas pela Europa vociferam que a “invasão para a substituição” deve ser travada antes que o continente europeu veja ruir a sua cultura e o ADN do seu povo e antes que essa dinâmica mude todo o eleitorado para filhos de imigrantes vindos do que eles chamam de “terceiro mundo”. Segundo Comus (2012): “é muito simples. Você tem um povo e, quase de repente, em uma geração, você tem em seu lugar um ou vários outros povos”.

Trazendo este debate para a realidade de Portugal, o líder do partido CHEGA, André Ventura, faz o seu trabalho de propagar a ideia conspiracionista de que está a acontecer um movimento maciço que tenta substituir a cultura portuguesa e o povo português através das leis de imigração do país naquilo que o líder político denominou de “substituição demográfica”. No programa político do partido, o CHEGA defende que: “as políticas migratórias e a política de atribuição de nacionalidade a estrangeiros, comportam riscos para a sobrevivência do povo e da cultura portuguesa enquanto povo com identidade própria”. Para o líder político do partido português CHEGA, a máxima social é a de “um povo, uma cultura”.

Com este discurso, o líder da extrema-direita portuguesa, cria um campo de atração ao seu redor que congrega todos aqueles que passaram a tê-lo como espelho por se identificarem com as suas falas anti-imigração, anticigana, anti-LGBTQIA+ assim como as suas falas racistas. E quem são esses cidadãos portugueses que passaram a ver-se em André Ventura? São os cristãos fundamentalistas nacionalistas, os suprematistas brancos, os “viúvos” de Salazar e todo outro e qualquer cidadão português que se identifica com uma ideologia política autoritarista e, ainda há aqueles que não se enquadram em nenhum dos espectros acima, mas que tendo os seus ouvidos inundados por estes discursos diariamente, sentem-se amedrontados e começam a alinhar-se a estas ideias.

Este movimento de aderência fortalece rapidamente dada a alta habilidade dos políticos de extrema-direita de se moverem no universo da *internet* nomeadamente nas redes sociais. A cooptação de “*influencers* e blogueiros” com um alto número de seguidores nas redes sociais é fundamental para que o discurso seja replicado mais rapidamente e que também, mais rapidamente, a “casa” fique cheia de iguais. Essa tática é usada de modo global e em Portugal, não é diferente, constantemente e diariamente, com a ajuda dos algoritmos do mundo digital, a população é confrontada com vídeos desses “*influencers* e blogueiros” abordando pessoas na rua fazendo perguntas sobre a “substituição demográfica” como por exemplo um perfil social de domínio público numa rede social muito popular na *internet* registado como “reconquista_pt”, autodenominado como “movimento identitário português” em que alguns jovens vistosos e bem vestidos percorrem o país filmando situações em que dizem ser sinais claros da substituição demográfica que está em curso em Portugal. Esses vídeos estão vivos na *internet* 07(sete) dias por semana e 24(vinte e quatro) horas por dia massificando a ideia de que o povo português e a sua cultura estão a ser substituídos por indianos, africanos e brasileiros. Como este canal, há outros que repetem esse discurso diuturnamente sem descanso. E, num tempo em que todas as pessoas possuem acesso à um telefone móvel com acesso à *internet*, esse tipo de conteúdo chega aos milhões de visualizações por dia o que é suficiente para plantar a semente do medo que é a emoção geradora de muitas outras emoções que podem levar a ruturas profundas nas relações sociais. Ao estabelecer um elo entre estes perfis em Portugal com o movimento *White supremacist* fincado na outra margem do atlântico, será possível estabelecer aqui elementos comuns entre ambos como o grito gritado a plenos pulmões “*you will not replace us*” nas suas manifestações também inspirados nas ideias de Jean Renaud Gabriel Camus, este escritor de filosofia política homossexual, ex-ativista socialista convertido ao conservadorismo tornando-se a figura intelectual por trás da teoria que sustenta dos discursos políticos extremistas um pouco por todo o mundo.

Não se pode também, fechar os olhos diante desse “novo normal” em que o mundo começa a estabelecer-se, a história está a mudar e ainda é muito prematuro

procurar literaturas sólidas sobre estes fenómenos que a humanidade está a atravessar, a história ainda está a acontecer e os frágeis registos desta década que se iniciou com uma pandemia que assolou o mundo por quase 03(três) intermináveis anos, estão a ser escritos diariamente e corrigidos no dia seguinte porque a sequência de acontecimentos impactantes para a história da humanidade é incrivelmente dinâmica. Todos os dias, quando é manhã num ponto do planeta, aconteceu algo significativo na tarde que fica noutra ponta do planeta e o que era certo como sendo verdade ontem, já precisa de ser revisto hoje.

Está a acontecer uma reorganização no *status quo* do mundo em que ninguém consegue ainda saber como tudo ficará acomodado e esse tudo vale para a política, para a economia e para todos os aspetos das relações sociais dentro das sociedades. Os últimos acontecimentos eleitorais, as últimas decisões económicas que foram tomadas, a dinâmica das guerras e para as ameaças de povo sobre outro povo em vários cantos da terra, irão ditar uma ordem que ainda é desconhecida mesmo para os mais experientes analistas políticos. Tudo isso contribui vertiginosamente para o aumento do fluxo migratório entre os mais diversos territórios e sob as mais diversas formas.

É facto que este aumento de fluxo de pessoas indo e vindo tentando estabelecer-se em algum lugar e movidas por motivos particulares, coletivos e/ou políticos, colocam uma pressão enorme sobre as políticas de imigração dos países que estão a conseguir manter o seu sistema social a funcionar pois uma instituição que estava organizada para atender 10(dez) pessoas por dia e, de repente, precisa de atender 20(vinte) pessoas por dia, obviamente que há um impacto inegável na sua dinâmica causando um desarranjo no sentido de não conseguir atender com a mesma eficiência de antes o que gera uma sensação de aumento de conflitos para o lado de dentro e para o lado de fora. O aumento do número de pessoas em qualquer território, pela própria natureza humana, causa diferentes movimentos sociais seja pela escassez de moradia, que é um problema real na Europa, seja pela impossibilidade de atender todas as necessidades dos novos moradores, seja

pela sensação do aumento da violência urbana, seja pelo sufocamento dos serviços públicos como saúde e educação dentre outros.

No território europeu, vê-se com muita frequência os governos a tentar lidar com isso seja de maneira republicana e integrativa seja levantando fronteiras para dar respostas à parcela da sua população que grita não à imigração. Mesmo os líderes políticos democráticos e republicanos acabam por tomar medidas mais enérgicas como foi possível constatar recentemente com o levantamento das fronteiras Schengen pela Alemanha que foi precedida pelos Países Baixos e pela recente mudança na lei portuguesa de imigração pelos Social-Democratas.

O endurecimento das regras que permitem a entrada de novos imigrantes nos países do bloco europeu deixa mostrar o flanco aberto da imigração ilegal que também é um negócio rentável para as máficas de tráfico humano que agem ao redor do planeta assim como dificulta a entrada de pessoas que decidem emigrar de maneira planejada e organizada. Porém, muitos pontos de interrogação ficarão abertos por um tempo ainda incerto visto que o endurecimento das regras nas leis de imigração nos países ricos, que são o destino preferido dos imigrantes, não virá com uma solução para os movimentos migratórios elencados neste texto.

Estas soluções perpassariam ou perpassarão por uma ordem política que responda a uma economia que seja capaz de criar meios de subsistências nos países pobres e em desenvolvimento, perpassaria ou perpassará pelo fim das guerras que ameaçam pessoas e territórios, perpassariam por uma elevação mundial sobre as questões educacionais e isto ainda não é possível ser vislumbrado a curto ou médio prazo.

As ações que moldam a história são diretamente influenciadas pela limitação do contexto político. Parafraseando Emília Viotti da Costa (2014), na existência e ação de cada um destes sujeitos históricos (a obra, o partido e o grupo) pulsam os ritmos da História, e as suas múltiplas subjetividades – estratégias de ação, discurso e projeto de mundo.

A polarização experienciada pelo mundo hoje, compromete o bom senso e a procura de soluções através do diálogo. Os discursos de ódio que separam as pessoas entre pessoas de bem e pessoas de mal, os discursos que criam “castas” raciais e sociais, aprofundam os desafios que estão sob o domínio político para que sejam encontrados consensos que diminuam os conflitos e a pobreza ao redor do planeta.

O mundo possui hoje cerca de 8,11 bilhões de pessoas e a terra, que é onde essa massa humana vive, possui recursos naturais finitos. Há que se pensar e que dialogar sobre como estabelecer condições para que as pessoas consigam viver com qualidade nos seus territórios, para que os corredores políticos de imigração não sejam sufocados e para que não haja ruturas sociais tão profundas como as já experimentadas pela humanidade em duas grandes guerras mundiais. Parece algo utópico, mas muitas soluções reais passam pela subjetividade utópica de um pensamento e/ou de uma ideia organizada a partir da sua capacidade de atrair pessoas para laborarem juntas por objetivos coletivos sejam eles políticos ou sociais.

CAPÍTULO II – METODOLOGIA

Mudar-se de um território para outro, deixar o seu país de origem para ir estabelecer-se em outro, obriga o indivíduo decidido a emigrar a repensar todos os seus valores e questões pessoais acerca da sua cultura. Viver entre os seus, entre aqueles que professam a mesma cultura e os mesmos valores, os seus conterrâneos, os seus iguais, dá ao indivíduo um espaço seguro para a sua individualidade, para viver de acordo com as suas crenças pessoais, estabelecendo a sua própria forma de vida. Mas, ao decidir por sair deste território cultural conhecido, inevitavelmente, haverá muito mais contacto com o diferente pois os valores do lugar para onde vai, serão outros, conhecidos e/ou supostamente conhecidos, porém, ainda não vividos e isto diminui o *“the right to be different”* porque o indivíduo estará sujeito às regras e aos valores de uma sociedade que não é a sua de origem o que requer ou requereria uma reflexão mais profunda sobre mudar do seu país para outro ou não. Sobre isto, PIERRUCCI – (1999, p.7) diz:

Somos todos iguais ou somos todos diferentes? Queremos ser iguais ou queremos ser diferentes? Houve um tempo que a resposta se abrigava segura de si no primeiro termo da disjuntiva. Já faz um quarto de século, porém, que a resposta se deslocou. A começar da segunda metade dos anos 70, passamos a nos ver envoltos numa atmosfera cultural e ideológica inteiramente nova, na qual parece generalizar-se, em ritmo acelerado e perturbador, a consciência de que nós, os humanos, somos diferentes de fato (...), mas somos também diferentes de direito. É o chamado "direito à diferença", o direito à diferença cultural, o direito de ser, sendo diferente. *The right to be different!*, como se diz em inglês, o direito à diferença. Não queremos mais a igualdade, parece. Ou a queremos menos, motivamos muito mais, em nossa conduta, em nossas expectativas de futuro e projetos de vida compartilhada, o direito de sermos pessoal e coletivamente diferentes uns dos outros.

Ao estabelecer-se num país que não o seu de origem, o “direito de ser diferente” diminui na sua dimensão individual e o sujeito será obrigado, às vezes, até mesmo por força de lei, a mudar o seu comportamento e interconetar-se com modos de vida diferente e a estabelecer novos padrões de individualidade para si mesmo.

Diante desta perspectiva, esta pesquisa propôs-se a procurar uma maior compreensão sobre o perfil sociocultural do imigrante brasileiro em Portugal considerando esta última leva de imigração a partir da permissão de residência concedida pelo arcabouço do corredor político, social e cultural criado para os cidadãos oriundos dos países do grupo lusófono ou países que foram colônia de Portugal com foco nos indivíduos brasileiros. Para isto, far-se-á uma observação importante na questão da interculturalidade que, descrita pelo catedrático do colegiado de sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, João Teixeira Lopes: “a interculturalidade é uma forma de *ver* de outra maneira, *falar* de outra maneira, e *pensar* de outra maneira”. Ver, falar e pensar se conecta com uma dimensão humana muito importante que é o *sentir*, e sentir ajuda o indivíduo a se redefinir-se e a reaprender toda a sua forma de vida obrigando-o a conectar-se com o outro para construir novos sentidos emocionais a partir da resposta do outro, do indivíduo nativo do outro território que definirá se o aceita ou não para estabelecer uma coexistência pacífica e coletivamente proveitosa para ambos.

Como paradigma desta pesquisa, seguir-se-á o sentido da questão analógica que, segundo Creswell (2010, p.28), é através da escolha do paradigma da pesquisa que são estabelecidas “[...] as concepções como uma orientação geral sobre o mundo e sobre a natureza da pesquisa defendidas por um pesquisador”. Em sentido etimológico, o paradigma ontológico debruça-se sobre o estudo do ser, sua compreensão de como as coisas são, a ontologia prospeita sobre as dimensões concretas, observando a existência das dimensões deste ser como um objeto concreto ou como um fenómeno sob o entendimento realista do observador/pesquisador que, nesta pesquisa optou, pelo método misto para a coleta dos dados a serem observados. Sobre esta multiplicidade de perspectivas levadas em consideração nesta pesquisa, Creswell e Clark (2013, p.22); formularam uma definição, cobrindo as características essenciais da pesquisa de métodos mistos. Esta, por sua vez, combina métodos, uma filosofia e uma orientação do projeto, além de destacar os componentes fundamentais que integram o planejamento e a condução de um estudo de métodos mistos. Segundo os autores:

[...] o pesquisador coleta e analisa de modo persuasivo e rigoroso tanto os dados qualitativos quanto os quantitativos (tendo por base as questões de pesquisa); mistura (ou integra ou vincula) as duas formas de dados concomitantemente, combinando-os (ou misturando-os) de modo sequencial, fazendo um construir o outro ou incorporando um no outro; dá prioridade a uma ou a ambas as formas de dados (em termos do que a pesquisa enfatiza); usa esses procedimentos em um único estudo ou em múltiplas fases de um programa de estudo; estrutura esses procedimentos de acordo com visões de mundo filosóficas e lentes teóricas; e combina os procedimentos em projetos de pesquisa específicos que direcionam o plano para a condução do estudo.

2.1 – Objetivos e Hipóteses

Mergulhar nas dimensões sociais e culturais de um grupo de imigrantes sejam eles quem sejam e qualquer país que estejam, requer o tracejado de objetivos claros e quantificáveis que possibilite metrificar o retrato desta comunidade da maneira mais fiel possível observando todo o processo de emigração que vai desde a tomada de

decisão em se fazer essa mudança até o enfrentamento dos percalços e desafios naturais quer seja no processo de mudança, quer seja no processo de integração na sociedade nacional do outro território escolhido para estabelecer-se.

Para tal, esta pesquisa procurou respostas objetivas e também ouvindo relatos subjetivos e as hipóteses levantadas sob a ótica científica e orientada de Quivy e Campenhoudt (2008), “os métodos são a formalização de todo o percurso da dissertação que serão adaptadas diante dos fenômenos e pesquisas estudadas.” Diante desta constatação acerca do método do ponto de vista científico, evidencia-se aqui que este estudo teve por objetivo geral conhecer o perfil sociocultural dos imigrantes brasileiros em Portugal analisando as várias camadas e dimensões culturais deste grupo tendo sobre a sua percepção acerca do seu país natal quando à sua percepção sobre o país escolhido para viver. De forma concreta, descreve-se aqui os objetivos específicos.

- a) Identificar o gênero declarado dos sujeitos cooperantes nesta pesquisa: a) masculino, b) feminino c) outro e qual;
- b) Observar se o idioma teve um peso significativo na decisão de eleger Portugal como o país certo para emigrar: O idioma teve uma peso importante na hora de decidir emigrar do Brasil para Portugal? a) sim b) não;
- c) Metrificar o nível de escolaridade dos imigrantes brasileiros que vivem em Portugal: Qual é a sua formação escolar e/ou acadêmica no Brasil? a) educação básica – 12º ano b) ensino técnico c) ensino superior d) pós-graduação;
- d) Saber qual é a faixa etária do emigrado Brasileiro: do ponto de vista do perfil etário dos imigrantes brasileiros deste grupo, qual é a sua idade? a) de 20 a 30 anos b) de 30 a 40 anos c) de 40 a 50 anos d) de 50 a 60 anos ou mais;
- e) Entender a intergração sociocultural na dimensão do mercado de trabalho observando se houve transição de carreira ou não: Na dimensão social da integração profissional, você conseguiu se inserir no mercado de trabalho português na mesma área em que atuava no Brasil ou precisou se reinventar profissionalmente? a) trabalho na mesma área em que trabalhava no Brasil

- b) precisei me reinventar profissionalmente. c) Caso você tenha de ter mudando de campo profissional em Portugal, qual era a sua área de trabalho no Brasil e qual é a sua nova profissão? d) Qual era a sua profissão no Brasil e) Qual é o seu trabalho em Portugal;
- f) Perceber diferentes motivos que levaram estes indivíduos a emigrarem do Brasil para Portugal: Dos motivos abaixo, qual deles mais se aproxima daquele que o(a) motivou a emigrar do Brasil para Portugal? a) questões relacionadas à segurança b) melhorar a vida financeira c) oportunidades educacionais d) vontade de viver uma experiência pessoal em outro país e) me aposentei e decidi aproveitar a 3ª (terceira) idade conhecendo outras culturas f) Há outro motivo que o(a) tenha movido para esta mudança de país? Se sim, qual;
- g) Observar qual é a percepção do imigrante brasileiro fixado em Portugal sobre a dimensão da agenda política no que tange às questões de xenofobia: Muito se tem falado sobre xenofobia na sociedade portuguesa em relação aos emigrantes brasileiros. Sobre esta questão, qual é a sua experiência pessoal? a) sim, já sofri ou já presenciei atos xenófobos contra brasileiros de maneira sutil ou disfarçada de brincadeira no meu círculo social b) sim, já sofri ou já presenciei atos xenófobos contra brasileiros de forma aberta e agressiva no meu círculo social c) não, nunca sofri ou presenciei atos xenófobos contra brasileiros no meu círculo social.
- h) Analisar a integração econômica e sociocultural a partir da culinária, do clima, da música e sua relação com a variação linguística apresentada entre o sotaque da língua Portuguesa falada no Brasil e o sotaque da língua portuguesa falada em Portugal: Do ponto de vista cultural: comida, música. Linguagem/comunicação e clima, qual é o seu estado de adaptação? a) em adaptação b) pouco adaptado(a) c) totalmente adaptado(a).
- i) O sentimento relativos à felicidade ou não por ter empreendido este projeto de mudança: Emigrar é um ato de coragem e determinação, desbravar uma nova cultura longe de suas referências culturais e familiares é muito desafiador. Diante disto, você está feliz com a sua decisão de emigrar do

Brasil para Portugal? a) sim, estou muito feliz e pretendo me fixar em Portugal até a velhice b) não, não estou feliz e pretendo voltar para o Brasil ao final de uma temporada em Portugal c) sim, estou feliz, mas não pretendo me fixar em Portugal, pretendo me mudar para outro país da união europeia em breve.

2.2 – Materiais e Métodos

2.2.1 – Design da investigação

Tendo em consideração os objetivos específicos definidos para este trabalho e a sua gama de hipóteses correlatas em que permitiu chegar o mais próximo possível de um espelho real e satisfatório que responda ao objetivo geral deste estudo, foi aplicado o método de pesquisa quantitativa no formato de aplicação de inquérito/questionário para mensurar às dimensões socioculturais dos brasileiros que vivem em Portugal. Desta feita, este estudo define-se como um trabalho correlacional (não experimental) e isso constata-se na medida em que o investigador não controla e não intervém sobre as variáveis estudadas limitando-se ao papel de observador (Marôco 2021). Para além disso, neste estudo distingue-se a característica da transversalidade uma vez que a recolha de dados ocorreu dentro de um mesmo recorte temporal mais precisamente entre os dias 01 e 15 de abril do ano de 2025. E, por último, define-se a caracterização de estudo exploratório para este trabalho uma vez que se pretendeu explorar ao máximo as variáveis dos objetivos aqui apresentados na procura por contextos sociológicos/científicos que expliquem o contexto social e cultural em que a comunidade brasileira se encontra em Portugal.

2.2.2 – Universo, População e amostra

A definição sistemática do universo, da população e da amostra é fundamental para atender aos objetivos e as hipóteses levantadas sobre o problema da pesquisa. Santos (2007) define o “universo da pesquisa como sendo a dimensão total de indivíduos que possam corresponder aos interesses da pesquisa dentro de uma população específica e, a amostra como sendo um subgrupo dentro desta população que possua características comuns”. Sendo assim, o universo desta pesquisa são todos os brasileiros imigrantes que vivem em Portugal e que compõe

a especificidade de todos serem brasileiros e de terem escolhido Portugal para se estabelecerem e, como amostra, foram escolhidos 50(cinquenta) indivíduos brasileiros cujo tempo de imigração seja igual ou o mais proximamente possível de 1,5 anos(um ano e meio) e que estejam sob o regime jurídico de autorização de residência concedida a indivíduos advindos dos países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa – CPLP. Esta escolha deu para garantir que os sujeitos desta pesquisa já tivessem ultrapassado os sentimentos comuns que recaem sobre os imigrantes no primeiro ano de adaptação no novo país e que os mesmos já conseguissem ter um olhar mais macro sobre todo o universo social no qual estão inseridos.

Considerando as facilidades oferecidas pelas ferramentas e agrupamento via *internet* pelas redes sociais, os indivíduos que responderam a este inquérito foram acesados através de um grupo organizado dentro de uma aplicação de mensagens instantâneas reconhecido como *WatsAapp* cuja denominação é “LUTA PELA CPLP”. Pode-se apontar como aspeto positivo para esta pesquisa ao usar a aplicação deste inquérito para membros deste grupo o facto de ali haver brasileiros advindos de todos os estados do Brasil e de viverem em diferentes cidades portuguesas. Isso possibilitou uma leitura mais plural e ampla no sentido de dar maior amplitude ao contexto geográfico e as suas realidades. Por fim, o método de constituição da amostra configurou-se como probabilística uma vez que todos os integrantes do grupo amostral tiveram a garantia maior que zero para serem selecionados.

2.2.3 – Questionário e variáveis

Para a coleta de dados para nesta investigação, desenvolveu-se um questionário (Anexo I) onde se observou a literatura existente acerca das variáveis propostas e das dimensões sociais referentes à integração social de indivíduos noutra cultura que não aquela que é naturalmente a sua cultura materna considerando conceituação de sociedade e cultural observados nas obras de: Maturana_ et al. (2009) e Freire et. al (1996). Dito isto, o inquérito composto por questionário foi organizado de forma a agrupar as variáveis dos objetivos para a

atestar e obter respostas para as hipóteses apresentadas nesta pesquisa. A pergunta que se referiu ao consentimento foi amplamente destacada para garantir que o indivíduo tivesse plena consciência sobre a sua participação nesta coleta de dados. É importante apontar que, embora este instrumento de coleta de dados tenha sido ampliado ao máximo possível para efeitos desta dissertação de mestrado, não foi possível levar em considerações micro dimensões sociais tais como a percepção individual dos participantes relativamente às variáveis constantes no questionário, prezou-se pelo entendimento macro dimensional das mesmas dando atenção às questões que pudessem capturar de maneira mais equivalente a informação dos imigrantes brasileiros sobre o seu perfil sociocultural enquanto cidadão do Brasil e o seu sentimento em relação à sua integração na sociedade Portuguesa sendo esse o aspeto centro desta pesquisa. Ainda sobre o instrumento de coleta de dados nomeadamente o questionário aplicado, o mesmo foi estruturado com 09(nove) perguntas relativas ao processo emigratório destas pessoas procurando capturar questões numa ordem que abarcou desde a tomada de decisão do ato de emigrar até o sentimento de felicidade ou não com este movimento de vida individual ou familiar. Também dentro da perspectiva de coleta de dados, foi aberto um espaço semiestruturado para ouvir e coletar relatos onde sujeitos membros participantes desta pesquisa pudessem falar sobre alguma experiência que, para si, tenha sido marcante na sua trajetória de vida como imigrante brasileiro em Portugal. E, na forma de transcrição literal, estes relatos estão inseridos no contexto da análise dos dados desta dissertação. Tendo esta pesquisa reunido todos os elementos que assegurassem a confiabilidade dos dados e a isenção do pesquisador, seguiu-se para a análise dos dados recolhidos conforme o instrumento de coleta de dados demonstrado no Anexo I deste trabalho.

CAPÍTULO III – ESTUDO EMPIRICO

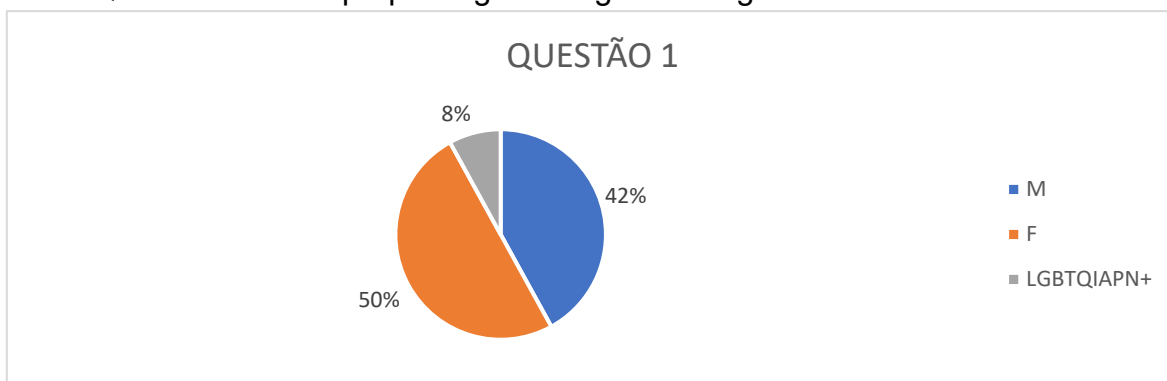
3 – Caracterização da amostra

A amostra que constituiu este estudo foi composta por 50(cinquenta) indivíduos de nacionalidade brasileira e que são imigrantes em Portugal há mais de 1,5(um e meio) anos. Por norma, foi exigido que cada sujeito desta pesquisa estivesse sob o

regime jurídico português de autorização de residência concedida aos cidadãos advindos de países membros da Comunidade de Língua Oficial Portuguesa reconhecida como AR-CPLP. Foi aplicado um inquérito onde foram feitas 09(nove) perguntas diretas e entrevistas semiestruturadas para a obtenção de um quadro de respostas diretas e relatos pessoais que permitissem a esta pesquisa obter dados quantificáveis para traçar um desenho sobre o perfil sociocultural do imigrante brasileiro em Portugal conforme a discussão sustentada pelos dados a seguir:

3.1 - SECÇÃO 01: o perfil de género do imigrante brasileiro em Portugal

Como se lê no gráfico 01(um) em que foi perguntado aos sujeitos desta pesquisa sobre a sua identidade de identificação e/ou identidade de género, 42% declarou-se como sendo do género masculino, apontados na legenda do gráfico pela letra M. 50% identificou-se como sendo do género feminino identificados no gráfico pela letra F e, 8% identificou-se como sendo membros da comunidade LBGTQIA+ conforme a própria sigla na legenda do gráfico.



Observa-se então que a percentagem de sujeitos desta pesquisa que se identifica como sendo do género feminino é superior ao percentual de sujeitos que se identificam como sendo do género masculino ou membros da comunidade LBGTQI+. Sobre isto, BRUSCHINI e LOMBARDI (1999, p. 22) afirmam:

Desde a década de 60 até os dias atuais, através de muitas lutas para a afirmação feminina no mercado de trabalho e, “Ao romper os padrões sociais que imputavam à mulher o casamento e a maternidade como alternativa primeira para a trajetória de vida, as jovens dos anos 70, passaram a colocar entre suas prioridades o estudo e a carreira profissional.

As conquistas das mulheres brasileiras nas várias dimensões da sociedade que dizem respeito às liberdades que remontam desde os anos 60, ganharam uma maior solidez nas últimas 03(três) décadas. Até há muito pouco tempo atrás, o papel da mulher brasileira era basicamente o de parir, gerir a casa, cuidar da educação dos filhos e cuidar do marido. Aos homens, eram reservados os postos de trabalho, as tomadas de decisões e o exercício das liberdades sociais sobre si mesmos e sobre a sua família incluindo a mulher/mãe. A evolução da figura feminina dentro da sociedade brasileira é tão recente que a explicação para esse fenómeno ainda está em construção e, acerca disto, pode-se citar algumas das principais hipóteses para esta questão: 01(um) a permissão para o acesso à educação; 02(dois), acesso ao mercado de trabalho como consequência da elevação da educação feminina; e 03(três), a questão da maternidade quando o governo incluiu o planeamento familiar como política pública de saúde e de educação. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e estatística – IBGE – censo 2022, o número de mulheres com o ensino superior completo supera o número de homens com o mesmo *status* educacional. Ainda sobre estes dados nacionais divulgados pelo IBGE, a percentagem de brasileiros com ensino superior triplicou entre os anos de 2000 e 2022 passando de 6,8% para 18,4% e, dentro deste contexto, entre as mulheres com 25 anos ou mais, 20,7% possui o ensino superior completo ao passo que entre os homens, essa percentagem é de 15,8% considerando a mesma faixa etária.

Entre as hipóteses levantadas, aquela que aponta o fator da educação como propulsor para a evolução da mulher dentro da sociedade brasileira, pode ser a que mais se aproxima da realidade pois juntamente com o aumento do nível educacional, cresce a perceção sobre planeamento familiar por exemplo. A ascensão intelectual desta parcela expressiva da população pode ajudar a entender a percentagem maior de mulheres brasileiras imigrantes em território português visto que a educação proporciona melhor capacidade profissional, amplia a visão crítica e proativa sobre o mundo e reações individuais mais efetivas para procurar melhores condições de vida a partir da visão particular que cada indivíduo tem de si mesmo dentro do seu território. Parecido com isto, o universo humano que compõe a comunidade LGBTQIA+ tem-se afirmado como cidadãos de direitos e o

próprio universo de luta social dos indivíduos desta comunidade forjam-nos corajosos para enfrentar os desafios pertinente aos processos de emigração. Sobre isto, BRASIL, (2023, p20) diz que:

Para algumas pessoas da sociedade, a sigla LGBTQIA+ pode ser apenas um amontoado de letras reunidas que a cada ano se multiplicam, mas observamos que o objetivo do movimento é que um número cada vez maior de pessoas tenha a sua existência representada por suas pautas defendidas na sociedade (...).

As lutas pleiteadas pelas pessoas que congregam este grupo social têm surtido efeito no sentido de garantias de direitos e inclusão para que possam alcançar realizações pessoais e profissionais.

3.2 – SECÇÃO 02: o perfil etário do imigrante brasileiro em Portugal

A questão 02(dois) do inquérito, trouxe no seu contexto demonstrativo a questão da faixa etária do imigrante brasileiro que vive em Portugal onde se lê esta densidade em percentagem. 10% dos sujeitos desta pesquisa disseram estar na faixa etária entre os 20(vinte) e os 30(trinta) anos, sendo que a maior expressão etária do imigrante brasileiro, que corresponde a 76%, respondeu que está na faixa etária entre os 30(trinta) e os 40(quarenta) anos. Outros 10% responderam estar na faixa etária entre os 40(quarenta) e os 50(cinquenta) anos e por fim, 4% dos sujeitos que responderam a esta pesquisa compõem o grupo etário entre os 50(cinquenta) e 60(sessenta) anos ou mais.

No Brasil, as fases vitais da vida organizadas pelos estudos científicos que ratificam os programas de saúde do Sistema Único de Saúde – SUS - são balizadoras para a implementação das políticas públicas de cuidado e seguridade social. Com esta visão, assim se organizam: o início da vida inicia-se no útero materno naquele período que é chamado de pré-natal. A primeira infância é compreendida entre os 00(zero) aos 03(três) anos, a segunda infância acontece dos 03(três) aos 06(seis) anos, a terceira infância segue dos 06(seis) aos 11(onze) anos, dos 12_(doze) anos aos 18(dezoito) anos o indivíduo vive a sua adolescência tendo a sua idade adulta sido iniciada ao completar os 18(dezoito) anos).

O início da idade adulta dá-se a partir daí, 18(dezoito) anos e amadurece até aos 40(quarenta) anos. A fase da idade adulta intermediária corresponde ao interstício que ocorre entre os 40(quarenta) e aos 60(sessenta) anos e, por fim, a idade adulta tardia ou terceira idade que corresponde dos 60(sessenta) anos até o final da vida sendo que, a partir dos 60(sessenta) anos, o cidadão entra para um grupo especial da sociedade que é amparada pelo estatuto do idoso. Este estatuto foi criado pela lei federal 10.741 de 01 de outubro de 2003 depois de longos debates e conferências populares objetivando assegurar atenção especial para esse grupo específico de cidadãos brasileiros que passam a aceder a atendimentos especializados e privilégios sociais exclusivos. E, diante deste “cronograma biológico”, a vida social do indivíduo brasileiro desenrola-se desde a sua concepção até à sua morte o que MORIN (2002, p.40) afirmou:

O que há de mais biológico o sexo, o nascimento, a morte é, também, o que há de mais impregnado de cultura. Nossas atividades biológicas mais elementares comer, beber, defecar estão estreitamente ligadas a normas, proibições, valores, símbolos, mitos, ritos, ou seja, o que há de mais especificamente cultural; nossas atividades mais culturais falar, cantar, dançar, amar, meditar põem em movimento nossos corpos, nossos órgãos; portanto, o cérebro.

Dito isto, num curso normal de vida, o indivíduo brasileiro termina a sua fase de formação escolar e acadêmica entre os 21(vinte e um) e os 22(vinte e dois) anos iniciando-se assim, o seu percurso adulto fazendo as suas escolhas e mergulhando no mercado de trabalho. Embora não seja prudente estabelecer generalizações acerca disto, é nesta fase da vida que o indivíduo é estimulado a imergir no mundo da produção, da construção familiar e na preparação para a terceira idade. Um jovem que chega aos 30(trinta) anos sem sentir que as suas expetativas e os seus sonhos estejam a ser correspondidos pelas condições que a vida lhe apresenta no seu território, é natural que haja uma procurar por essas realizações e emigrar termina por ser uma opção quando este sujeito possui as condições para o fazer. Com isto, é possível entender o porquê de o maior percentual etário dentro da comunidade brasileira em Portugal esteja na faixa etária entre os 30(trinta) e os 40 (quarenta) anos correspondendo a 76%, essa fase da vida é o auge da força e da vitalidade humana. Os imigrantes brasileiros em Portugal que se enquadram no

grupo etário que compreende a faixa etária dos 20(vinte) aos 30(trinta) anos, correspondem a uma percentagem de 10%. Este grupo, normalmente, é composto por indivíduos que emigraram junto com o seu grupo núcleo familiar nomeadamente, os pais. - Outros 10% de sujeitos desta pesquisa responderam que estão na faixa etária entre os 40(quarenta) e os 50(cinquenta) anos, uma percentagem baixa e visto que nesta fase da vida, segundo a ótica social brasileira, a vitalidade para novos recomeços já não se faz mais tão presente e mudanças tão desafiadoras como as exigidas por um processo de emigração, podem ser temidas. E, por fim, o grupo que compreende àqueles que já estão na terceira idade, que já viveram a plenitude da sua força de produção no mercado de trabalho e que, uma vez reformados, escolheram viver novas experiências culturais e social. Em menor escala, este grupo etário corresponde a uma percentagem de apenas 4%.

Sobre o grupo etário específico que se declarou estar entre os 50(cinquenta) e os 60(sessenta) anos ou mais, Em Portugal e na maioria dos países subscritos nas convenções do direito internacional, há um tipo de visto e/ou autorização de residência específica para pessoas reformadas e que cujas reformas lhes garantem a subsistência, nomeadamente, em Portugal, trata-se do visto D7. Porém, devido a uma série de equívocos da Agência para a Integração, Migração e Asilo – AIMA - há uma série expressiva de casos de cidadãos brasileiros que solicitaram o visto específico D7 por serem reformados e lhes foram aplicados a autorização de residência CPLP que é destinada especificamente para indivíduos oriundos dos países lusófonos e que estejam ativos no mercado de trabalho, muitos casos decorrem na justiça portuguesa para que sejam feitas as correções destes equívocos.

3.3 – SECÇÃO 03: o peso do idioma na hora de decidir emigrar para Portugal

Ao serem perguntados sobre a importância do idioma na hora de decidir emigrar do Brasil para Portugal, 86% dos participantes responderam que sim, que o fato de ter a língua portuguesa como língua nativa teve um peso importante sobre escolher Portugal como país de destino para o seu processo emigratório. Em

contrapartida, 14% respondeu que o fator idioma não foi determinante na escolha por Portugal como destino emigratório.

Emigrar por si só pressupõe uma necessidade de integração social na nova cultura em que o indivíduo escolhe para se fixar doravante na sua vida e o processo de integração ocorre com maior facilidade quando o processo comunicativo acontece com maior facilidade e comunicar com facilidade perpassa pelo domínio do idioma. PERES (2015, p.29-30) afirma que: (...) a língua materna, representa para o ser humano, não apenas um símbolo da sua nacionalidade, mas, também, a sua identidade cultural (...).

Diante disto, ser brasileiro é naturalmente uma ponte cultural com Portugal visto os laços históricos e culturais que conetam os dois países laços estes, umbilicalmente ligados pela força da língua portuguesa. Pode-se citar aqui, empiricamente, uma série de desafios a serem enfrentados pelo imigrante, a dificuldade em cumprir os processos burocráticos de legalização, o acesso aos serviços sociais e necessários no país acolhedor, a entrada no mercado de trabalho e a própria integração social e cultural no novo país e, quando o indivíduo não domina o idioma, esses desafios podem virar obstáculos quase intransponíveis ou, excessivamente caros, pois, não dominando o idioma, os serviços de traduções são pagos, fazendo com que a comunicação institucional se torne deveras desafiadora. Aprender um novo idioma leva um certo tempo, e por mais bem-disposto que o imigrante esteja em aprender o idioma local, é difícil conciliar trabalho e estudos e as barreiras sociais de integração demoram mais a serem transpostas.

Para além, destas questões, emigrar para um país para o qual o indivíduo não domina o idioma, pode tornar-se um desafio de integração não só para o imigrante, pode se tornar uma barreira integrativa também para os cidadãos nacionais que terão maior bloqueio e/ou dificuldade em abrir a comunicação de acolhimento para esse novo morador. Em casos assim, a imigração ganha uma dimensão social e económica séria para o país que acolhe e emite a autorização de residência pois este terá de desenvolver e aplicar políticas educativas que permitam ao imigrante familiarizar-se com o idioma o que não deixa de ser algum tipo de

pressão económica que, nem sempre, pode ser bem vista pelos cidadãos nacionais aumentando assim, ainda mais, os desafios a serem superados pelo emigrante. No caso do imigrante brasileiro que escolheu Portugal para se fixar, não há a barreira da língua e, muito facilmente, o brasileiro consegue identificar traços fortes da sua matriz cultural dentro da cultura portuguesa e isto é um fator facilitador para o seu processo de integração, assim como facilita aos cidadãos portugueses o acolhimento deste imigrante nas várias dimensões da sociedade necessárias para a vida no dia a dia de qualquer indivíduo que viva em território português. Embora, na prática, o acolhimento ainda seja marcado por preconceitos estereotipados.

Desde que Portugal apresentou o Brasil ao mundo, a figura do brasileiro foi feita e refeita, ora afirmando estereótipos, ora negando preconceitos, mas, sempre apresentando situações como sendo determinadoras da identidade cultural, do modo de vida e até dos traços físicos dos brasileiros de modo que, de uma forma ou de outra, o Brasil e o seu povo sempre se fazem presente na presença ou na imaginação do povo português. Vários autores portugueses já produziram os seus escritos inspirados no Brasil. Um destes escritos que se apresentam com relevância foi a obra de Agustina Bessa-Luís que publicou, em 1990 o seu “Breviário do Brasil”. Sobre esta obra, ANGELINE (2022, p.288) afirma:

O carinho com o qual a escritora pensava traçar suas linhas, nesse livro de viagens, reproduz com perfeição a cartilha, ainda vigente, do português que acha que conhece a fundo o País e não se envergonha de desfilar suas teses sobre o território tropical e suas gentes, quase sempre apoiadas em clichês e estereótipos arraigados, desde que um branco barbudo viu nossos indígenas desnudos a mirarem, curiosos, o horizonte.

A narrativa de Agustina assemelha-se com um tratado antropológico consigo mesma sobre a mítica do Brasil. Porém, nota-se nos seus escritos que já havia ali uma ideia arraigada e estereotipada de que, no país do futuro, quem nasce na favela, morre na favela pois o homem seria sim produto do seu meio. Uma visão fatalista de destino embrionariamente ligada à origem e a classe social do indivíduo o que contradiz a sua própria definição do Brasil como país do futuro pois o futuro já presente, interconetou, aprofundou relações e moveu pessoas de destinos

trágicos para conquistas pessoais nesta relação luso-brasileira. Para Augustina, a praxe na sociedade brasileira é rasa e descomplexa ou, apenas “literaturalmente” erótica: BESSA-LUIZ (2016, p.19).

O racismo é um estado de alma; encobre as decisões que foram objectivos conseguidos na infância, como o amor duma mãe geniosa e que cultivou no filho o triunfo fácil, nos jogos, nos estudos, no convívio com os outros. (...) Os portugueses foram negreiros como foram comerciantes; não desprezavam o homem, só o exploravam. E, depois, há um erotismo das situações que prevalece acima do cálculo. É isto que ainda hoje faz a praxe, na sociedade brasileira.

3.4 – SECÇÃO 04: o perfil educacional do imigrante brasileiro em Portugal

Para aferir o perfil educacional do imigrante brasileiro em Portugal, foi perguntado aos sujeitos desta pesquisa acerca da escolaridade conquistada no Brasil antes do seu processo emigratório. Sobre isto, 24% respondeu que possui o ensino médio completo o que corresponde ao 12º ano no sistema de ensino português, 18% dos inquiridos disseram que possuem o ensino técnico, 34% declarou ter o ensino superior completo e 18% disse ter educação ao nível de pós-graduação.

Do ano de 1996 em diante, o sistema educacional brasileiro passou por uma série de mudanças profundas a partir da implementação da lei 9394/96 que instituiu o sistema nacional de educação que, no seu capítulo III e art. 4º traz as diretrizes para a educação pública no estado brasileiro.

TÍTULO III – Do Direito à Educação e do Dever de Educar

Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: I – educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, organizada da seguinte forma: a) pré-escola; b) ensino fundamental; c) ensino médio; II – educação infantil gratuita às crianças de até 5 (cinco) anos de idade; III – atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino;

IV – acesso público e gratuito aos ensinos fundamental e médio para todos os que não os concluíram na idade própria; V – acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um; VI – oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando; VII – oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem

trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola; VIII – atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde; IX – padrões mínimos de qualidade do ensino, definidos como a variedade e a quantidade mínimas, por aluno, de insumos indispensáveis ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem adequados à idade e às necessidades específicas de cada estudante, inclusive mediante a provisão de mobiliário, equipamentos e materiais pedagógicos apropriados; X – vaga na escola pública de educação infantil ou de ensino fundamental mais próxima de sua residência a toda criança a partir do dia em que completar 4 (quatro) anos de idade; XI – alfabetização plena e capacitação gradual para a leitura ao longo da educação básica como requisitos indispensáveis para a efetivação dos direitos e objetivos de aprendizagem e para o desenvolvimento dos indivíduos; XII – educação digital, com a garantia de conectividade de todas as instituições públicas de educação básica e superior à internet em alta velocidade, adequada para o uso pedagógico, com o desenvolvimento de competências voltadas ao letramento digital de jovens e adultos, criação de conteúdos digitais, comunicação e colaboração, segurança e resolução de problemas. Parágrafo único. Para efeitos do disposto no inciso XII do caput deste artigo, as relações entre o ensino e a aprendizagem digital deverão prever técnicas, ferramentas e recursos digitais que fortaleçam os papéis de docência e aprendizagem do professor e do aluno e que criem espaços coletivos de mútuo desenvolvimento;

Art. 4º-A. É assegurado atendimento educacional, durante o período de internação, ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado, conforme dispuser o Poder Público em regulamento, na esfera de sua competência federativa.

O reflexo decorrente da implementação do sistema nacional de educação brasileira começa a ser sentido na sociedade apenas no início da primeira década do século XXI tendo em vista que a implementação da lei 0394/96 foi reforçada e assegurada pela primeira constituição cidadã brasileira datada do ano de 1988 que traz nos seus artigos 205 e 206 os princípios básicos da educação pública no Brasil.

De acordo com o Artigo 205 da Constituição Federal do Brasil, a educação é um direito de todos e deve ser promovida com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa e a sua qualificação para o trabalho. Os princípios que regem a educação estão descritos no Artigo 206/CF, que estabelece que o ensino deve ser ministrado com base nos seguintes princípios:

1. **Igualdade de condições** para o acesso e permanência na escola.
2. **Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar** o pensamento, a arte e o saber.
3. **Pluralismo de ideias** e concepções pedagógicas, coexistindo instituições públicas e privadas de ensino.

4. **Gratuidade do ensino público** em estabelecimentos oficiais.
5. **Valorização dos profissionais da educação**, com planos de carreira garantidos por lei.
6. **Gestão democrática do ensino público**, conforme a legislação vigente.

-Nota-se assim que, num contexto temporal e histórico, as leis educacionais brasileiras são muito jovens. Foram 488(quatrocentos e oitenta e oito) anos de história sem que os direitos básicos fossem assegurados e a educação negada ao povo como direito básico. Antes disto, a educação era de acesso apenas aos mais ricos que podiam pagar por ela e/ou para as pessoas que moravam nas cidades grandes e que conseguiam aceder às poucas escolas públicas existentes, o número de analfabetos no Brasil era alarmante atingindo 70% da população segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE. Sobre o analfabetismo, este que é a maior referência de luta pelo combate ao analfabetismo adulto no Brasil. FREIRE (1981, p.13), disse:

A concepção, na melhor das hipóteses, ingênua do analfabetismo o encara ora como uma "erva daninha" daí a expressão corrente: "erradicação do analfabetismo", ora como uma "enfermidade" que passa de um a outro, quase por contágio, ora como uma "chaga" deprimente a ser "curada" e cujos índices, estampados nas estatísticas de organismos internacionais, dizem mal dos níveis de "civilização" de certas sociedades. Mais ainda, o analfabetismo aparece também, nesta visão ingênua ou astuta, como a manifestação da "incapacidade" do povo, de sua "pouca inteligência", de sua "proverbial preguiça".

Paulo Freire lutou bravamente pelo letramento adulto no Brasil obtendo resultados significativos mesmo durante os chamados anos de chumbo da ditadura militar brasileira e fê-lo por um viés político uma vez que aos analfabetos, era negado o direito ao voto. Usou o letramento para lutar contra o sistema político ditatorial para promover o pensamento crítico e a cidadania dos brasileiros o que lhe rendeu anos de exílio no exterior e não o fez desistir de pensar e lutar pela oferta da educação como um direito básico e universal aos brasileiros.

Com a promulgação da lei 9394/96 que criou as Diretrizes e Bases da Educação Nacional desenhou-se um Plano Nacional para a Educação que ficou conhecido como PNE que, entre os seus objetivos, pretendia erradicar o analfabetismo no país corrigindo a idade/série das crianças e alfabetizando os

adultos. A partir do final dos anos 90(noventa) e na primeira década dos anos 2000 (dois mil), o acesso à educação básica e a obrigação de permanecer nela até o final do ciclo básico que compreende até à conclusão do 12º escolar, mudou positivamente o cenário catastrófico do letramento da população brasileira. Paralelamente a isto, houve um investimento alto na ampliação do sistema universitário em que as universidades federais e estaduais foram interiorizadas, e que, juntamente com programas de aporte financeiro às faculdades particulares para oferecerem vagas aos estudantes advindos da educação básica das escolas pública, alcançou um universo maior de pessoas em todas as regiões do país proporcionando a formação técnica e a nível de graduação de forma que, fazer um curso técnico e/ou ir para a faculdade, passou a ser uma condição de *status* social para as famílias brasileiras. O orgulho do dia da formatura dos filhos na universidade é um momento caro na vida dos pais e das famílias dentro do contexto social atual do Brasil.

O sucesso desta empreitada teve muito a ver com a estruturação dos programas de apoio social para as famílias carentes. O dinheiro destinado mensalmente para as famílias cadastradas nos programas socioassistenciais ficaram condicionados à matrícula e frequência das crianças na escola com a obrigatoriedade familiar de as fazer concluir a educação básica bem como o acompanhamento da saúde principalmente no que diz respeito à obrigatoriedade de acompanhamento para garantir a aplicação de todas as vacinas obrigatórias entre 0(zero) e 12(doze) anos. Com isto, o Programa Bolsa Família tirou milhões de famílias da miséria, aumentou a expectativa de vida do brasileiro e ampliou a perspectiva profissional das gerações seguintes. Dito isto, o Brasil possui hoje a geração mais bem formada dos seus 525(quinientos e vinte e cinco) anos de história. Desta feita, o Programa Bolsa Família transformou capital económico em capital social conforme afirma HASENBALG (2003, p.56):

O capital social estabelece o contexto no qual o capital económico e cultural dos pais é convertido em condições mais ou menos favoráveis à socialização das crianças, funcionando como um filtro para esses outros capitais.

Uma geração inteira qualificada profissionalmente significa uma maior concorrência interna e maior confiança individual para a realização de voos solitários mais altos como por exemplo, enfrentar os desafios que um processo de emigração exige. Desta feita, há muita mão de obra qualificada em Portugal que o país poderá mapear e aproveitar para impulsionar o mercado qualificado interno e obter uma maior contribuição para a dimensão economia portuguesa.

3.5 – SECÇÃO 05: a inserção do imigrante brasileiro no mercado de trabalho português

Referentemente à integração no mercado de trabalho português, os imigrantes brasileiros que vivem em Portugal e que participaram como sujeitos desta pesquisa, responderam sobre a sua trajetória profissional em solo português. 40% deles, disseram que estão a atuar na mesma área profissional em que atuavam no Brasil, e 60% deles responderam que tiveram que se reinventar e atuam em outra área.

Esta questão coneta-se com a questão anterior pois tem muito a ver com perfil educacional do imigrante brasileiro em Portugal e abre um breve espaço de análise sobre a própria condição de ser imigrante num contexto mais generalista. Muitas vezes, por uma questão de proteção aos postos de trabalho para os cidadãos nacionais, principalmente aqueles em que exige mão de obra mais qualificadas e são mais bem remunerados, os postos de trabalho que exigem menos qualificação e exigem mais esforço sobram para serem ocupados por mão de obra estrangeira/imigrante. Essa é uma conceção generalista no mundo da emigração/imigração em que, todo indivíduo que decide sair do seu território, tem plena consciência sobre este aspeto independentemente do seu grau de formação.

No entanto, sobre esta questão em específico, há que se observar que o corredor político diplomático existente entre o Brasil e Portugal favorece, em muito, os seus cidadãos reciprocamente. São muitos os acordos bilaterais entre os dois países que permitem com que os cidadãos brasileiros acedam à validação dos seus estudos em Portugal e, reciprocamente, os cidadãos portugueses podem validar os seus diplomas no Brasil. Certamente que não é uma parceria exclusiva, há esta

mesma possibilidade outros países mas o facto de Brasil e Portugal congregarem no mesmo grupo político/histórico/linguístico, a burocracia torna-se mais fácil de ser ultrapassada e considere-se aqui a importante relação de cooperação e troca entre as universidades brasileiras e as universidades portuguesas.

O estatuto de Igualdade, de Direitos e Deveres de Portugal, que foi assinado no ano 2000 na cidade de Porto Seguro, no Estado do Bahia no Brasil, onde os dois países criaram um protocolo de ordem recíproca para a concessão de cartão do cidadão, um acordo exclusivo entre Brasil e Portugal. Em Portugal, foi regulamentado pelo decreto-lei 154/2003 em 15 de julho e, no Brasil, foi regulamentado pelo decreto presidencial de número 3,927 de 19 de setembro de 2001.

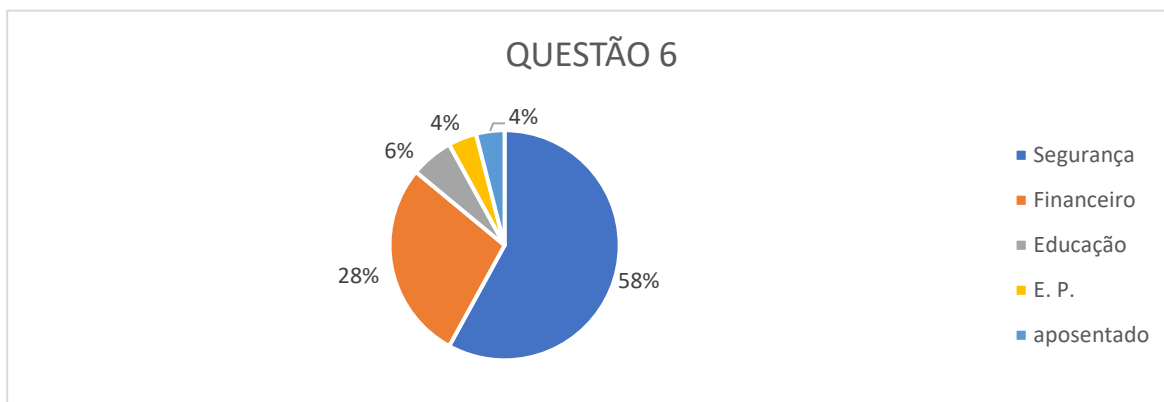
Este tratado ficou conhecido como Tratado de Porto Seguro, não é concedido automaticamente e o requerente precisa de solicitar o mesmo aos órgãos competentes de cada país a partir da obtenção da autorização de residência. Com isto, os cidadãos dos dois países, reciprocamente, podem passar a ter os mesmos direitos e os mesmos deveres civis de que os cidadãos nacionais do país em questão têm. Por exemplo: a universidade portuguesa é pública, mas não é gratuita, o cidadão brasileiro que possui o estatuto de direitos e deveres concernente ao tratado de Porto Seguro, poderá estudar numa universidade portuguesa pagando o valor da propina de um aluno nacional e, um cidadão português portador do mesmo estatuto, poderá estudar numa universidade brasileira sem nenhum custo uma vez que, no Brasil, o ensino em todos os níveis, é público, universal e gratuito.

Com base nesta relação diplomática sólida entre o Brasil e Portugal, há um reconhecimento dos estudos e dos diplomas de maneira menos burocráticas possibilitando que cidadãos brasileiros, num período de cerca de (01)um ano ou pouco mais que isto, por exemplo, possam ter ultrapassado as burocracias pertinentes ao reconhecimento dos seus diplomas e assim, pleitear vagas para postos de trabalho mais qualificados no mercado de trabalho português e assim reciprocamente para os cidadãos portugueses, no Brasil.

Todos os cidadãos brasileiros que responderam à sub-pergunta desta secção, em que foram questionados sobre qual é a sua profissão no Brasil e em que área trabalha em Portugal, responderam que o início é mesmo o que já esperavam, têm de que ir para postos de trabalho que exigem mais esforços até passar pelo processo burocrático de reconhecimento e revalidação dos seus estudos para que, a partir daí, consigam ir em busca de oportunidades para entrar no mercado de trabalho qualificado em Portugal. Porém, de maneira unanime, todos demonstraram otimismo diante da possibilidade real de atuar na sua área de formação em Portugal apesar das diferenças de legislação e protocolos o que é perfeitamente normal e compreensível uma vez que são realidades sociais diferentes de dois países diferentes.

3.6 – SECÇÃO 06: os motivos próximos para a decisão de emigrar

O gráfico a seguir, mostra as percentagens relativas aos motivos mais próximos daqueles que levaram os brasileiros a emigrarem para Portugal. 58% dos sujeitos desta pesquisa responderam que o principal motivo que os levaram a emigrar para Portugal foram questões relacionadas à segurança identificados na legenda do gráfico pela palavra “segurança”, 28% disse que a mudança teve como objetivo principal a procurar por uma melhora na vida financeira, identificados na legenda do gráfico pela palavra “financeiro”, 03% respondeu que a sua emigração teve a ver com oportunidades educacionais identificados na legenda do gráfico pela palavra “educação”, 4% declararam que emigraram em busca de novas vivências pessoais noutro país, identificados na legenda do gráfico pelas letras “E.P.E”, outros 4% disseram que encerraram os seus ciclos da vida profissional no Brasil atingindo a reforma e escolheram viver a terceira idade explorando novas culturas, identificados na legenda do gráfico pela palavra “aposentados”.



Relativamente à “sub-pergunta” desta questão onde foi questionado aos sujeitos se haveria outro motivo que os moveram para o processo de imigração, 38% dos participantes do inquérito disseram que possuem laços familiares diretos com cidadãos portugueses e 2% do total de participantes disse que emigraram para Portugal obedecendo ordens divinas das suas organizações eclesiásticas.

O Brasil, como todos os países de dimensões continentais, tem a sua realidade social bastante plural, enfrenta questões sérias sobre aspetos relevantes para a sociedade proporcional ao seu tamanho e ao seu número expressivo de habitantes. A questão da segurança é um problema sério dentro deste contexto e isto agrava-se com o modelo de gestão pertinente a um país de regime federativo como é o caso do Brasil. As políticas públicas brasileiras são geridas num modelo nominado de gestão tripartite onde cada ente federado tem um papel importante. E como se organizam os entes federados no contexto do Brasil? Os entes federados brasileiros são a união (governo federal), os estados (governos estaduais) e municípios (governos municipais). Dentro do modelo de gestão tripartite, cada ente federado tem o seu papel e as suas responsabilidades e coexistem em cooperação sob as diretrizes gerais da constituição federal, as leis intermediárias estão sob as diretrizes das constituições estaduais e as leis elementares de cuidado no âmbito do bem-estar da sociedade estão sob as constituições municipais. Desta forma, o Brasil não é governado apenas por um presidente e legislado somente pelo congresso nacional. Além da estrutura federal, há 27(vinte e sete) governadores e 27(vinte e sete) assembleias legislativas estaduais, 5,579(cinco mil quinhentos e setenta e nove) governos municipais e o mesmo número de câmaras de vereadores. Neste regime, soma-se um total de 5,607(cinco mil seiscentos e sete) constituições que, em sentido piramidal, organizam as leis e as responsabilidades de cada ente federado para com as políticas públicas. Esta “engrenagem” política foi inspirada no modelo de federalismo cooperativo alemão e no Brasil ganhou o nome de Pacto Federativo que assim está descrito na Constituição Federal:

Art. 1º, CF: A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos (...)

Art. 18. A organização político administrativa da República Federativa do Brasil compreende a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, todos autônomos, nos termos desta Constituição.

Dentro deste contexto, a segurança tem sido um dos maiores desafios da federação brasileira. As forças policiais são divididas e organizadas de acordo com a estrutura dos entes federados. As polícias não armadas são responsáveis pela atenção diária nas ruas e ficam sob a responsabilidade dos governos municipais. As polícias ostensivas e de investigação são de responsabilidades dos governos estaduais e a polícia federal, que é de responsabilidade da união, tem a responsabilidade sobre os crimes que afetam a nação como um todo como redes de tráfico, crimes fronteiriços e correlatos. Não há como falar de segurança no estado brasileiro sem clarificar esta estrutura e, não é por acaso que alguns estados possuem números acerca da violência que são toleráveis e outros que possuem números acerca da segurança que são alarmantes. Os estados mais populosos naturalmente enfrentam problemas muito sérios acerca desta dimensão social como por exemplo São Paulo e Rio de Janeiro que, além de serem estados populosos, possuem os maiores portos do país e acabam por sediar as maiores redes de criminosos assim como alguns estados do nordeste brasileiro que também possuem grandes aeroportos e portos e é sabido por todos que estes equipamentos estruturais são amplamente usados pelo mundo do crime em todo o planeta.

Portanto, a questão da segurança no Brasil não é padrão, cada região e cada estado e cada município apresenta panoramas diferentes sobre a segurança assim como a sensação do cidadão comum sobre sentir-se seguro ou não. E é mais comum que os cidadãos oriundos dos estados que apresentam índices mais severos sobre a questão da segurança procurem lugares mais seguros para viver. O movimento migratório dentro do próprio Brasil é intenso e a questão da segurança é sempre eleita como elemento motivador para estas mudanças, os indivíduos que vivem nestes bolsões superpopulosos e que possuem meios financeiros, normalmente emigram para outros países sendo Portugal um destino muito procurado até mesmo pela própria fama portuguesa de ser um dos países mais seguros do mundo.

Acerca das oportunidades educacionais, conseguir entrar no mercado de trabalho europeu é um desejo ambicioso para os jovens mais conetados com o mundo das profissões mais modernas sobretudo, as carreiras voltadas para as tecnologias, deste modo, emigrar para Portugal considerando as “facilidades” de acesso permitidas pelos acordos bilaterais entre Brasil e Portugal tem o seu apelo encantador e acaba por ser uma motivação legítima dentro deste processo moderno de carreiras globais.

O desafio de alcançar o sucesso na vida financeira também pode ser bastante acentuado a depender da região do Brasil em que se viva uma vez que a questão da desigualdade social promovida pela concertação de renda aos grupos mais ricos da população é, também, uma motivação legítima para mover um indivíduo para um processo emigratório, embora Portugal não ofereça condições para que alguém enriqueça como empregado, a sensação de poder de compra para quem vivia com um mínimo contado no Brasil, é uma vitória a ser louvada para quem cruza o oceano procurando melhorar a sua condição de subsistência. E, por fim, chegar à terceira idade com uma reforma garantida e que permita ao indivíduo viver novas experiências culturais torna-se uma excelente maneira e viver a última etapa da vida. - Portugal é um bom porto para este fim por oferecer boa gastronomia, bom clima, bom círculo cultural e uma porta de entrada para a exploração cultural do velho continente. É importante salientar que a idade média para a reforma no Brasil ainda permite com que as pessoas vivam com qualidades por um bom tempo após o encerramento da sua vida ativa profissional. Sem contar que este público contribui com a roda da economia do setor de serviço em Portugal visto que esses reformados trazem os seus vencimentos para gastar em Portugal, portanto, neste caso, todos ganham.

3.7 - SECÇÃO 07: a percepção do imigrante brasileiro em Portugal sobre a questão da xenofobia

A questão apresentada pelo gráfico de número 07(sete) toca numa questão muito sensível que tem a ver com as relações sociais entre cidadãos nacionais e cidadãos imigrantes, neste caso especificamente, os cidadãos imigrantes oriundos

do Brasil e os cidadãos nacionais de Portugal. A pergunta levantou o tema da xenofobia em que 58% dos entrevistados respondeu que sim, que já viveu ou presenciou atos xenófobos contra brasileiros em Portugal praticados de maneira sutil ou disfarçados de brincadeira, 24% respondeu que já viveu ou presenciou atos xenófobos contra brasileiros de maneira aberta e agressiva, e 18% respondeu nunca ter vivido ou presenciado atos xenófobos contra brasileiros no seu círculo social.

A imigração é tema presente na agenda política por toda a Europa e um pouco por todo o mundo. Há uma vaga crescente de deslocamentos de indivíduos por todo o planeta em que pese as condições políticas, económicas e climáticas dos países mais pobres e que os cidadãos destes países saem procurando melhores condições de vida em países com melhor *status quo* social e que possa ofertar-lhe algum tipo de segurança. Diante desta realidade, Portugal não ficou de fora desse movimento global sobretudo no que se refere a indivíduos advindos das suas ex colónias e neste contexto, inclui-se o Brasil.

Os dados da Agência para Integração, Migração e Asilo – AIMA – são imprecisos, mas, estima-se que a comunidade brasileira seja a maior comunidade de imigrantes em Portugal com cerca de mais de 600 (seiscentos) mil ou mais indivíduos. Para um país pequeno em território e com uma população nacional de pouco mais de 10(dez) milhões de cidadãos. Neste contexto, ter mais 600 (seiscentos) mil ou mais indivíduo de uma mesma nacionalidade coexistindo com os nacionais, é impossível passar despercebido, a presença física e cultural de um grupo tão grande de imigrantes há de ser sentida de uma forma ou de outra.

Partindo do pressuposto de que o debate sobre a imigração está sobre as mesas políticas europeias, Portugal também está inserido contextualmente neste debate tendo o seu próprio partido político que tem crescido vertiginosamente na esteira deste tema vociferando, em grande voz, verdades e inverdades sobre a questão da imigração. Notadamente, com isto, uma parcela cada vez mais crescente da população portuguesa ficou mais atenta ao tema. A forma como o líder do partido CHEGA, esse é o partido político em questão, trata do tema em que

criminaliza a presença de indivíduos não nacionais em território português, cria um terreno fértil para a prática de atos xenófobos deliberados ou não e como a comunidade brasileira é a maior comunidade de estrangeiros em Portugal, não é difícil encontrar relatos de situações iguais a que nos foi relatada por uma participante da pesquisa que fez questão de contar a sua experiência. Vamos chamá-la de Eva que contou a seguinte história:

Chegue na estação do metrô por volta das 23h30min haja vista que trabalho em um shopping, a fila para pegar o autocarro para a minha freguesia já estava se formando. Como eu estava muito gripada e com muita tosse, falei com o último sujeito da fila e disse-lhe que iria me esconder no vento atrás da máquina de recarga de andante e que quando o autocarro chegasse eu viria para o meu lugar logo em seguida a ele, e assim o fiz. Quando entrei no autocarro, uma mulher que apareceu quase que do nada pois eu não a tinha visto, começou a gritar loucamente que eu vinha de um lugar sem ordem, que o meu país era uma favela, que eu estava trazendo os maus costumes do meu país para Portugal e que aqui as pessoas são educadas e não furam fila, que eu devia voltar para a minha terra antes que destruísse uma família roubando o marido de alguém. Aquela mulher gritava tão alto que eu fiquei sem ação, sentei no banco do autocarro, que estava lotado, e perdi a fala. Outra mulher que estava na parte da frente do autocarro começou a argumentar que a mulher estava sendo xenófoba gratuitamente, aí um grupo de estudantes começou a me defender, e a mulher começou a gritar com eles, e então um senhor que estava mais atrás entrou na briga e de repente todo mundo estava gritando e brigando e eu não conseguia emitir um único som na minha garganta. Pedi para descer na paragem seguinte e comecei a chorar. O autocarro seguiu com aquela gritaria sem fim lá dentro. Fui para casa andando em um frio terrível, cheguei em casa por volta das 2h da manhã e chorei até adormecer. Foi uma experiência horrível, mas me ensinou que agora comigo será na base do “bateu, levou”. Acho que fiquei uma pessoa mais ruim. Obrigada por me ouvir, foi terapêutico para mim.
(relato de Eva colhido via chamada telefônica)

Do ponto de vista político eleitoral, a sociedade portuguesa tem dado sólidos recados aos governantes sobre as questões relativas à imigração de forma que, nas últimas eleições legislativas, o povo colocou o partido CHEGA na posição de segunda força política do país e, em cada nova cada eleição, eles ganham mais terreno político considerando que num curto espaço de tempo, passaram de um número de 12(doze) deputados para 50(cinquenta) deputados e agora, para 61 (sessenta e um) deputados. Esse quadro político pode representar uma insatisfação pujante da população portuguesa sobre a presença de estrangeiros no país.

Após a coleta do relato de Eva, esta pesquisa foi contatada por uma outra participante que disse que queria “desabafar” e pediu para que seu relato fosse registado nos autos destes resultados. Esta outra participante ganhará o nome de Ângela, que relatou a seguinte história:

Trabalho em uma loja de serviços em um shopping e ouço coisa de todo o tipo. Por ser um público mais de alto nível instrucional, a xenofobia acontece velada. Ouço coisas do tipo: “você é brasileira, mas é muito educada”. Ou: “você é branquinha, não tem cara de brasileira”. Aí, é uma mistura horrorosa de xenofobia e racismo. Isso fora as vezes em que clientes homens e casados ficam *dando em cima de mim* quase na frente das esposas, dá desespero às vezes.

(relato de Ângela colhido por chamada telefônica)

Relativamente a este tema, o continente europeu está a passar por um fenómeno que é diverso e igual ao mesmo tempo. É diverso porque cada país tem de lidar com o seu “problema” interno sobre a imigração e é igual porque todos os países europeus estão a ver crescer os partidos políticos na esteira deste tema e juntamente com a questão da imigração, veem as pautas conservadoras que retroagem às conquistas sociais que estabeleceram o estado de bem-estar social de que tanto a Europa se orgulha. Pautas como identidade religiosa, legalização do aborto e imigração misturam-se no discurso populista/conservador dos partidos extremistas que estão em plena ascensão política nesta fase histórica do continente europeu.

Por ser um capítulo da história europeia que está a acontecer e, como já é sabido, que é difícil contar a história enquanto ela está a acontecer, os pronunciamentos políticos são feitos de todas as formas possíveis e imagináveis, sobre dados verídicos ou não, tudo misturado e um pouco confuso ainda. Há quem associe o aumento da violência à imigração, há quem contradiga isto, há quem defenda a necessidade de mão de obra imigrante para a economia da Europa continuar a girar, há quem diga que isso não é necessário, há quem esteja preocupado com a questão da influência cultural das comunidades imigrantes sobre a cultura e os valores europeus e há quem defenda essa mesma interação cultural para manter a Europa a crescer e evoluir. No entanto um facto visível a todos é que as sociedades europeias estão polarizadas sobre este tema e não há um campo de

meio termo no tabuleiro político o que dificulta uma perspetiva mais próxima da assertividade sobre como este fenómeno encontrará um caminho resolutivo que não promova embates sociais que colocam as pessoas umas contra as outras.

Mesmo os campos da ciência política e das ciências sociais, estão a “tatear” para ajudar a encontrar um norte para esta questão que cada vez mais alavanca a agenda política conservadora por todo o continente, sendo até mesmo a literatura ainda um pouco escassa para ajudar a entender e a explicar este fenómeno político-social em curso na Europa e um pouco por todo o mundo. Um ponto chave que deve ser observado dentro destes movimentos políticos e sociais são os riscos que estes partidos políticos podem representar para a democracia.

Para além da questão da imigração em si, há as questões que são sérias e que merecem ser consideradas para tentar entender este contexto, as políticas públicas dos países europeus estão sob pressão, a saúde, habitação, educação, assistência social e segurança são temas que entram no debate sobre a questão da imigração, a questão da imigração ilegal e o tráfico de pessoas também são outras preocupações legítimas das sociedades europeias. Porém, o grande problema do discurso destes partidos extremistas é não apresentar soluções sérias e exequíveis e colocar todos os imigrantes num mesmo cenário, sem distinguir as diversas situações administrativas de cada indivíduo. Com isto, alimenta o discurso de ódio contra todos os imigrantes indiscriminadamente.

Em Portugal, a ascensão do partido CHEGA traz no seu bojo o discurso anti-imigração com o lema Portugal para os portugueses, o combate à corrupção e a salvação para a cultura portuguesa. Com este discurso, a população começa a ser tomada pelo medo de desaparecer e acaba por reproduzir este discurso nas suas atividades diárias e com isto, a barreira emocional contra o outro, contra o “invasor” cresce de forma que a razão começa a ficar escurecida e os atos xenófobos vão sendo banalizados e justificados pela necessidade de autodefesa e da defesa ao país.

Ao imigrante, cabe e caberá acatar a nova ordem social que sairá como desfecho de todos estes processos juntos e obedecer às regras e às determinações

que lhes chegarem como normas através das novas leis. Aqueles que emigraram por escolha e podem remigrar, este é um caminho tentador e seguro, e aqueles que emigraram por questões que fogem ao seu controle terão desafios maiores pela frente, seja em Portugal, seja na Europa ou seja um pouco por todo o mundo.

3.8 - SECÇÃO 08: o nível de adaptação do imigrante brasileiro em Portugal

A questão de número 08(oito) traz luz à percepção sobre a adaptação do imigrante brasileiro em Portugal. Foi lhes perguntado sobre o nível da sua adaptação relativamente à cultura portuguesa nos aspetos da linguagem/comunicação, da comida, da música e do clima. Destes, 10% responderam que estão em processo de adaptação 14% dos inquiridos responderam que estão pouco adaptados, e 76% disseram que estão totalmente adaptados.

Sobre a questão da adaptação, a personalidade do brasileiro em si é aberta a adaptações dadas as próprias características sociais e estruturais do Brasil. Porém emigrar trata-se de algo mais profundo pois exige um afastamento sério das suas referências. Essa mudança pode ser descrita em fases que vão desde a expectativa da mudança estando ainda no Brasil até ao momento em que a realidade do dia a dia mostra um quadro diferente daquela dantes expectável.

Fazer as malas, ver centenas de milhares de vídeos na *internet* sobre o novo local onde se está a depositar seus sonhos é extremamente excitante onde o medo, mesmo presente, ganha um segundo lugar na ordem de prioridades que se deva dar atenção. A chegada em si é enevoada pelo deslumbramento, tudo é novo, tudo é bonito, as árvores, os jardins, as casas e até mesmo as pessoas, tudo é encantador principalmente para aquele imigrante que nunca havia saído do Brasil. Os desafios iniciais como morar num quarto e dividir da cozinha à casa de banho são pequenos perto do sonho de mudar totalmente de vida.

A realidade chega devagarinho, no choque da conversão da moeda, no primeiro impacto com a burocracia para organizar os documentos, com o impacto

de um novo regime trabalhista onde aquela ideia de “sextou” com o sagrado churrasco no sábado deixa de existir, o primeiro inverno sem o sagrado par de havaianas, as vídeos chamadas com os amigos vão diminuindo, o contato familiar restringe-se aos membros do núcleo mais direto como pai, mãe e irmãos, a falta da convivência em comunidade, que está na essência da alma brasileira, vão dando lugar a um sorriso mais amarelo de saudade e aí, a realidade já se mostrou completamente. Aquilo que antes foi uma expectativa linda dá lugar à dureza de ter de se adaptar e assumir-se como sujeito “bi-cultural”.

Passar por tudo isto gera um stress psicológico E, sobre isto, LÓPES e CONTRERAS (2005) concluíram que “a bi-culturalidade, isto é, envolvimento em duas culturas, e o bilinguismo estão significativamente relacionados ao ajustamento psicológico”. Ou, como se diz popularmente, é preciso “virar a chave mental” e começar um novo processo de aprendizagem para se adaptar ao novo ambiente cultural.

Apesar de Portugal e Brasil terem a língua portuguesa como uma das suas bases comuns, há uma diferença que, embora não seja determinante a ponto de impedir a comunicação, há pronúncias e sentidos diferentes para as mesmas palavras ou expressões. A língua portuguesa falada com o sotaque de Portugal é fechada e pouco articulada ao contrário da língua portuguesa falada como o sotaque brasileiro que é aberta e muito articulada. Para os brasileiros, isso causa algum estranhamento no começo, mas a adaptação é rápida e este é o menor os problemas a serem enfrentados.

No campo da adaptação com a comida, não há muitas barreiras a serem transpostas pelo imigrante brasileiro visto que há mais o que une do que separa as identidades culturais da culinária entre Brasil e Portugal e esse é um elo importante entre culturas visto que à mesa posta toma-se decisões importantes, celebra-se as alegrias e conquistas e cria-se atmosferas afetivas muito significativas. CORNER (2006, p.01) diz que:

(...) a cozinha é um símbolo cultural, é memória, e principalmente patrimônio cultural de qualquer grupo social. A simbologia dos alimentos exerce uma influência ao homem, podendo constituir-se

em importante elemento que revela identidades e ajuda a entender a cultura de um povo.

O hábito de comer arroz feijão é herança cultural portuguesa para o Brasil, comer diferentes tipos de carnes feitas de formas diferentes também faz parte desta mesma herança que destinou até mesmo o hábito de selecionar temperos para dar sabor cor e cheiro à cozinha brasileira. Certamente que, ao longo dos séculos, o Brasil foi desenhando a sua própria identidade culinária, mas a base está lá, no prato feito, ou no famoso PF do brasileiro que são o arroz e o feijão.

Por questões de dimensão e capacidade de produção agrícola do Brasil, a mesa do brasileiro vai ficando cada vez mais rica e soma-se a isto a grande contribuição culinária dada ao Brasil por outras comunidades de imigrantes o que gerou não só uma identidade culinária mas várias identidades culinárias regionais dentro do próprio território brasileiro e, ainda sobre isto, na atualidade já é possível encontrar prateleiras inteiras de supermercados portugueses cheios de produtos brasileiros de forma que, neste campo, tornou-se muito fácil para o imigrante brasileiro viver em Portugal.

No campo musical, Portugal é um grande consumidor da fonografia brasileira seja através da importação das telenovelas brasileiras, seja através das emissoras de rádio, seja através da *internet*, a música brasileira sempre esteve presente na vida dos portugueses. Para o brasileiro, a música é um elemento cultural fundamental para a sua vida, cantar e dançar é orgânico na educação cultural do brasileiro e é tão comum ouvir música brasileira em Portugal que, de uma maneira quase poética, pode-se fechar os olhos e fingir que está em casa.

Já no campo climático, a adaptação depende muito de qual região brasileira é a origem deste imigrante. O Brasil, com suas dimensões continentais, tem “clima para todos gostos”. Se o imigrante for proveniente do sul do Brasil, pode não haver estranhamento com o clima de Portugal visto que o sul do Brasil é a região onde as estações são mais bem definidas. Se o imigrante vier do Norte do Brasil onde o clima é quente e húmido, ou se vier do Nordeste onde o clima é mais seco e quente ou se vier do clima temperado da região centro-oeste, estes terão mais dificuldade

em lidar com o frio do inverno europeu. Porém, este não é um fator determinante no processo de adaptação para o imigrante brasileiro. Desta forma, o conjunto de todos estes fatores são transponíveis para o imigrante adaptar-se bem em Portugal o que foi comprovado pela percentagem de 76% dos sujeitos desta pesquisa afirmando que estão totalmente adaptados em Portugal.

3.9 - SECÇÃO 9: o nível de felicidade de imigrante brasileiro em Portugal

Mediante a contextualização do processo de emigração, foi perguntado aos sujeitos participantes desta pesquisa sobre o quesito felicidade, considerando o ato corajoso de escolher e decidir mudar de país, de referências culturais e o distanciamento familiar. Sobre isto, foram levantados três pontos importantes discriminados na questão. 66% das respostas recebidas dão conta de que sim, estão felizes em Portugal e pretendem fixar-se no país até à velhice. Outros 10% disseram que não estão felizes e que pretendem voltar para o Brasil após uma temporada em Portugal, e, por último, 24% disseram que estão felizes, mas não pretendem fixar-se em Portugal e desejam mudar para outro país da união europeia.

Etimologicamente, a palavra felicidade é um substantivo que traduz “qualidade ou estado de feliz; estado de uma consciência plenamente satisfeita, satisfação, contentamento, bem-estar”, esta tradução etimológica pode ser relativa dependendo do grupo de pessoas em questão. Para o brasileiro médio, felicidade tem a ver com alegria, com riso, com música, com comida, com sol e tudo o que for relacionado a isso, questões como trabalho, bens e resposta do campo político para as condições de vida das pessoas são coisas sérias que não entram no campo da felicidade propriamente dita. Para isto, há um “consenso” popular que diz que “uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa”. Já para a Organização das Nações Unidas – ONU - ao medir o índice de felicidades das populações, o Carnaval não é um indicador a ser levado em consideração, os quesitos medidos pela organização preveem a metrificação de 06(seis) importantes áreas sociais: apoio social, renda, saúde, senso de liberdade, generosidade e ausência de corrupção e, pela oitava vez consecutiva, a Finlândia fica com o primeiro lugar, o Brasil ocupa da 36^a (trigésima sexta) posição e Portugal fica na posição 60^a(sexagésima).

Para um brasileiro comum, a felicidade finlandesa é altamente questionável, um país frio, sem festas, sem músicas alegres, sem sol e sem variedade de comida não faz muito sentido. Porém quando os quesitos metrificados são colocados em debate, e “a coisa vira outra coisa”, aí sim o discurso fica sério e a percepção muda de tom e inevitavelmente começa uma série de comparações entre o Brasil e Portugal e as respostas para estas comparações são muito individuais e particulares principalmente quando se tem em conta os diferentes motivos que levaram este imigrante a tomar a decisão de sair do Brasil e mudar-se para Portugal.

Por norma, um indivíduo que decide deixar o seu país para viver noutra, está a lidar com algum tipo de infelicidade e/ou insatisfação na sua vida. O lugar onde se nasce, se cria raízes, se cria laços afetivos, que se estabelece um património de convivência comunitária é onde se quer viver e morrer. Sair tem um peso muito grande e, normalmente, sair tem a ver com sonhos e um forte desejo de realizá-los. Então, mudar de vida, neste contexto, pode estar intimamente ligado ao desejo de ter, e esse ter pode ser traduzido em coisas materiais ou não. O indivíduo pode desejar ter estabilidade financeira e, ao perceber que no seu lugar isso se tornou uma tarefa difícil, mudar de país para procurar a realização deste sonho é uma busca legítima por essa felicidade. Sair também pode estar ligado com um recomeço após um trauma emocional e, então, sair na procura dessa felicidade também é legítimo.

Conforme esta pesquisa responde, a maioria dos imigrantes brasileiros que escolheram Portugal para viver, fizeram-no motivados pelo ter algo, pelo alcançar algo e pela procura da sensação de segurança. Para esses indivíduos, essa é uma felicidade legítima e que vale a pena perseguir. Aos poucos, nos momentos de reflexão e das inevitáveis comparações, os pontos negativos referentes ao processo de emigração nunca poderão ser superiores ao motivo principal que foi o motor motivador para promover uma mudança de vida tão grande. - Deste ponto de vista, o imigrante está na procura de uma felicidade individual e não de uma felicidade coletiva em que pese as medições feitas pelos órgãos e/ou organizações multilaterais. Para alcançar os índices de felicidades metrificados pela ONU, são

necessárias muitas medidas no campo político/estrutura/organizacional e um sonho coletivo, já a felicidade que o/a imigrante busca, é solitária, depende muito do seu grau de resistência, de resiliência e de coragem, mas também depende de como está o ambiente social e político no local de destino para que essa felicidade seja alcançada. Emigrar, é estar numa jornada permanente de incerteza, a depender do humor político, tudo poder ser calmaria, mas também a depender do humor político, tudo muda num espaço de tempo muito curto.

CAPÍTULO IV - RESULTADO

4.1 – Discussão do resultado

A presente dissertação teve por objetivo geral conhecer o perfil sociocultural do imigrante brasileiro que vive em Portugal analisando desde o seu perfil etário à sua relação com o mercado de trabalho, o seu grau de adaptação e nível de felicidade com o seu processo emigratório.

Nestes termos, foi possível observar aspetos importantes para o delinear deste perfil assim como foi possível pontuar questões interessantes que podem levantar reflexões muito pertinentes.

Como ponto de partida desta análise, é interessante perceber que entre a comunidade imigrante brasileira que vivem em Portugal, o número de indivíduos do género feminino é superior ao número de indivíduos do género masculino e de indivíduos das comunidades que compõem a sigla LGBTQIA+. Diante disto, pode-se constatar um indicador de que as políticas de afirmação para a emancipação feminina no Brasil surtiram efeitos positivos uma vez que as mulheres brasileiras conseguiram sair do estigma de que a mulher precisa de ser “bela, recatada e do lar” e ganha liberdade sobre o seu corpo e o seu destino podendo obter um nível educacional pleno e, com isto, entrar no mercado de trabalho de igual para igual com os homens disputando cargos que, até há bem pouco tempo atrás, eram reservados exclusivamente aos homens. Estes dados também podem ser um indicador de que o perfil intelectual da mulher brasileira mudou possibilitando-lhes ampliação da sua visão do mundo munindo-as de coragem para perseguir os seus

sonhos e para promover mudanças de vida mais ousadas como por exemplo, emigrar sozinha e enfrentar os desafios que este processo lhes impõe.

Sobre os dados relativos à faixa etária, constatou-se que a massa social da comunidade de imigrantes brasileiros em Portugal está entre os 30(trinta) e os 40 (anos). Nota-se com isto, que esta comunidade em questão está no auge do seu vigor humano e profissional. Nesta fase da vida, o indivíduo está a viver o ápice da força para o trabalho e isto acaba por ser uma mais-valia no processo de emigração porque é um fator determinante para recomeçar no outro país escolhido para viver e este país, por sua vez, encontra nessa parcela dos seus residentes uma força adicional para movimentar a sua economia.

Para além disto, no caso específico de Portugal, que enfrenta questões sérias de envelhecimento da população e uma queda expressiva na sua demografia, a comunidade brasileira possui elementos contributivos que podem ajudar o país a manter o equilíbrio entre o número de pessoas contribuindo ativamente para a segurança social e o número de pessoas inativas por já estarem em fase de reforma, essa é uma conta importante que o estado português precisa de fazer.

Relativamente às questões demográficas, estes dados podem dar um panorama interessante também. No dia 02(dois) de maio deste ano, o Jornal Público (sucursal Brasil), publicou uma notícia dando conta de que em 2024 houve 6,006(seis mil e seis) casamentos de cidadãos portugueses com cidadãos estrangeiros e que, deste total, 51,08% foram casamentos com brasileiros. Ao todo, 3,109 uniões luso-brasileiras, e ainda segundo o jornal, um crescimento de 16,05% em relação a 2023 e um crescimento total de 72% nos últimos 04(quatro) anos.

Não é difícil supor que, destes casamentos, haverá nascimentos de bebês luso-brasileiros o que contribuirá para os números da demografia portuguesa. Para além disto, há ainda uma percentagem de jovens que se mudaram para Portugal acompanhando os seus pais e que serão fortemente impactados pela cultura portuguesa de forma que, provavelmente, comporão uma parcela importante da nova geração portuguesa mesmo sendo cidadãos bi-culturais e bi-nacionais. Estes jovens também contribuirão com a força do trabalho para Portugal e também, num

panorama futuro, formarão as suas próprias famílias reforçando os laços históricos e culturais entre Brasil e Portugal. Já a percentagem de indivíduos da que se declaram membros da comunidade LGBTQIA+ é uma realidade global que denota a luta por sobrevivência em liberdade e autonomia deste grupo tão marginalizado ao longo da história da humanidade.

No que concerne aos laços históricos culturais que unem Portugal e Brasil, o idioma é a força motriz desta relação, embora haja divergências de sotaques ou no uso de algumas palavras, todo o contexto do uso da língua portuguesa para comunicar é sinónimo e isso só é possível pela riqueza com que a língua portuguesa se apresenta para o mundo e o Brasil leva a sério a responsabilidade de perpetuar a língua portuguesa internamente assim como assume a responsabilidade de fortalecer o idioma no estrangeiro seja através da música, da poesia, da literatura e do debate político.

É de conhecimento público que a língua portuguesa é um tema muito caro ao, hoje presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, que encabeça uma força de trabalho diplomático para tornar a língua portuguesa um dos idiomas oficiais da Organização das Nações Unidas – ONU. E esta pesquisa atestou que, para uma percentagem expressiva de imigrantes brasileiros, escolheram Portugal para emigrar considerando, principalmente, o fator linguístico pela facilitação da comunicação o que ajuda, e muito, o processo emigratório.

No que concerne à formação escolar dos imigrantes brasileiros que vivem em Portugal, há que se notar que o nível de instrução destes imigrantes em termos gerais, é um nível satisfatório e que os acordos políticos bilaterais entre Portugal e Brasil facilitam a troca de proveitos sobre este tema. Quando se diz troca, pensa-se que tanto ganha o imigrante brasileiro com a possibilidade de reconhecimento dos seus estudos em Portugal e ganha Portugal com a oportunidade de somar quadros técnicos especializados para a sua massa de trabalhadores. Talvez este seja um tema que Portugal deva olhar com maior profundidade uma vez que há uma vaga permanente daquilo que é popularmente conhecido como “fuga de cérebros” onde jovens portugueses recém-formados emigram para outros países da união europeia

em busca de melhores oportunidades e de melhores salários. Não se insinua, com isto, que haja uma “substituição” de mão de obra especializada pois um cidadão nacional jamais será substituído no seu país de origem, mas idealiza-se que Portugal faça um mapeamento desta mão de obra qualificada que vem do Brasil para melhor aproveitar na roda da sua economia.

O Brasil fez grandes investimentos na educação nas últimas três décadas com um hiato expressivo nos quatro anos de governo do ex presidente Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), é o que parece haver de maneira consensual entre observadores, acadêmicos, analistas e operadores das políticas públicas de que houve uma procura por uma mudança de paradigma de gestão pública onde prevaleceu o desmantelamento do estado em várias esferas. Sobre essas mudanças paradigmáticas, BAUER et al. (2012, p.35 afirma:

Uma mudança de natureza direta, indireta, oculta ou simbólica que reduz o número de políticas em uma determinada área e diminui o número de instrumentos de política utilizados e/ou reduz a sua intensidade. Ele pode envolver mudanças nestes elementos essenciais da política e/ou ser alcançado pela via da manipulação das capacidades para implementação e acompanhamento da política.

E, somando-se a isto a pandemia da COVID-19, o estado brasileiro aprofundou-se em uma dimensão desorganizacional com muito retrocessos sociais dando força para essa forte vaga de emigração de brasileiros para várias partes do planeta.

Nos último 2,5(dois e meio) anos, o novo governo tem tentado retomar a (re)estruturação dos sistemas das políticas públicas garantidoras do tripé de seguridade social com iniciativas que assegurem a saúde, a educação e a renda para a as famílias brasileiras. Uma iniciativa interessante é o recém-lançado programa “pé de meia” em que os adolescentes recebem uma bolsa em dinheiro, na forma de poupança para que tenha algum dinheiro para começar a vida adulta ao final do 12º ano. Para ter acesso a este recurso, o adolescente deve permanecer na escola, terminar a educação básica e participar nos exames de acesso à universidade. Este programa foi regulamentado pela lei 14,818 de 16 de janeiro de 2024 e regulamentado pelo decreto presidencial 11,901 de 26 de janeiro de 2024. Todo o estudante brasileiro das camadas sociais mais baixas e que estudam em

escolas públicas são elegíveis automaticamente para este programa que une as políticas de educação e assistência social. Desta forma, a tendência é o de que o nível de escolaridade do brasileiro médio continue próximo da universidade e das escolas técnicas. E, com isto, o imigrante brasileiro pode ter capacidades profissionais muito contributivas para o mercado de trabalho em Portugal ou em outro país para onde escolha emigrar.

Com base na observação de que há um corredor político favorável para que o imigrante brasileiro que vive em Portugal consiga validar os seus estudos realizados em instituições brasileiras, há uma percentagem expressiva desta população que já está a atuar na sua área profissional e aquela percentagem que ainda não alcançou este patamar de reconhecimento, muito provavelmente, está em curso para alcançar este benefício e então, conseguir concorrer para vagas em postos de trabalho que exijam mais qualificação técnica e geralmente aumentar as chances de melhorar o seu patamar salarial.

Durante o processo de organização das documentações e validações dos seus estudos, há uma necessidade deste imigrante de se reinventar profissionalmente, embora que temporariamente, para entrar no mercado de trabalho assumindo trabalhos mais duros e em jornada de trabalhos mais exaustivos, considerando que o regime de trabalho no Brasil é totalmente diferente do regime de trabalho adotado por Portugal. O que não é de todo mau se for visto como uma oportunidade para mergulhar na cultura portuguesa através do contato com cidadãos nacionais de vários níveis da sociedade portuguesa, uma experiência nestes termos pode ser vista como uma “escola” de vida para conhecer e adaptar-se às regras sociais do país. Porém, com o pensamento vivo de que se trata de algo temporário o que, normalmente, se consolida num prazo que pode ser acontecer em cerca de 01(um) ano ou pouco mais para que todos os processos burocráticos de validações de diplomas sejam concluídos e então, é partir para a procura de vagas de trabalho mais qualificadas colaborando de maneira mais efetiva com a economia portuguesa e criando caminhos de ascensão para si próprio.

Naquilo que se refere aos motivos que levaram estes emigrantes a escolherem Portugal para viver, a percentagem mais expressiva refere-se à necessidade de procurar um lugar seguro para viver fugindo das violências das grandes cidades brasileiras. Neste aspeto, Portugal é um porto seguro visto que ocupa uma posição importante entre os países mais seguros do mundo. E sim, a questão da violência urbana é um problema sério para o Brasil embora não se possa fazer generalizações tendo em vista as dimensões continentais do Brasil e o seu modelo federativo para cuidar das políticas públicas entre elas, a segurança pública. Está em curso uma série de iniciativas conjuntas entre os entes federados do Brasil para combater a violência urbana, mas, como é sabido, nada que vai surtir um efeito imediato. No Brasil, também há lugares seguros para se viver, mas, para quem vive assuado nas grandes metrópoles do Brasil, emigrar parece ser uma decisão mais acertada e, aliado a esta necessidade de procurar segurança, há um fator importante neste contexto que é a questão da parentalidade. Uma percentagem expressiva de imigrantes brasileiros declararam que possuem laços familiares com Portugal seja do convívio parental mais perto como os pais ou de contexto parental mais distante como os avós ou bisavós. Por si só este é um fator agregador no processo imigratório por-que garante a este imigrante a oportunidade de obter a dupla nacionalidade. As oportunidades de, através do processo emigratório para Portugal, alcançar formação nas universidades europeias é outro aspeto tentador principalmente para aqueles indivíduos que almejam formação nas áreas e/ou carreiras modernas nomeadamente aquelas relacionadas às tecnologias digitais.

Sobre aquilo que está a dominar a agenda política europeia que é a questão da imigração, os inquiridos nesta pesquisa corroboraram as informações de que sim, há práticas xenófobas por parte de cidadãos portugueses para como os imigrantes brasileiros. Um detalhe não apresentado nesta pesquisa, mas que aparece nas conversas subjetivas é a questão de a xenofobia ser maior em relação à mulher brasileira. E muito disso se deve aos factos ocorridos em Portugal na década de 80(oitenta) onde prostitutas brasileiras foram aliciadas no Brasil e foram exercer os seus trabalhos na indústria do sexo na cidade de Bragança, no norte do país. Esse tema é e foi abundantemente debatido no contexto social de Portugal e

até mesmo nas universidades. A história das mães de Bragança foi um facto marcante na história recente de Portugal e ainda permanece como uma névoa na imaginação de muitas mulheres portuguesas sobretudo as da geração das décadas de 80(oitenta) e 90(noventa).

A hipersexualização da mulher brasileira não é um tema novo ou que tenha nascido no episódio social conhecido como o movimento das mães de Bragança. Já nos documentos históricos em que a história portuguesa se entrelaça com a história do Brasil, é possível encontrar registos que conotam esse olhar europeu sexualizado sobre as mulheres dos povos originários do Brasil. Sobre isto, Caminha escreveu: (Caminha apud CRAVEIRO & CARVALHO, 2017, p. 67):

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos, compridos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas, tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha.

Uma das participantes desta pesquisa pediu para dar um relato sobre este tema onde conta a uma experiência que teve com uma motorista de aplicativo portuguesa. Vamos chamar esta participante de Raquel da qual se transcreve o seu relato a seguir:

Raquel vive em Portugal cursando doutoramento em psicologia e tem 32 anos. Estava ela atrasada para uma atividade académica em um dia de chuva e chamou um carro por um aplicativo de transporte de pessoas. Entrou no carro educadamente, cumprimentou a motorista e fechou a porta do carro para seguir viagem, em um engarrafamento de trânsito a motorista puxou conversa perguntando seu nome, de qual região do Brasil vinha, o que fazia em Portugal, se estava sozinha ou se era casada. No começo Raquel achou uma conversa normal até que o assunto político surgiu tendo em vista que no dia seguinte, o país passaria por um processo eleitoral. A motorista frisou sua contrariedade com imigrantes exercendo o direito ao voto, disse que os portugueses não podiam permitir que estrangeiros se metessem em seus problemas, segundo Raquel, a motorista foi ficando vermelha e tocou no assunto das mães de Bragança em que afirmou que ainda hoje há muitas famílias destruídas, que muitas mulheres perderam os maridos, que muitos filhos perderam os seus pais devido à presença das prostitutas brasileiras que “roubaram” os maridos das mulheres portuguesas em Bragança e que infelizmente, a mulher brasileira usa de “artimanhas” para atrair e roubar os maridos das portuguesas. Raquel relatou que ficou em choque e muda e começou a rezar para a corrida terminar logo, o que aconteceu uns 15(quinze) minutos depois com a motorista se desculpando porque via que Raquel não era “daquele tipo” e que estava estudando.

(relato colhido através de chamada telefónica)

A questão que envolve a história das mães de Bragança ainda é um aspeto subjetivo e não resolvido dentro da sociedade portuguesa sobretudo na imaginação da mulher portuguesa. A imigrante brasileira que emigrou para Portugal na década de 80(oitenta) mais precisamente para protagonizar esse papel de prostituta não condiz com a realidade social da imigrante brasileira da atualidade que é uma mulher com formação, livre e independente e que está à procura realizar os seus próprios sonhos. Dito, isto, este resquício histórico e os factos políticos da atualidade, criam uma barreira invisível em que a xenofobia se materializa às vezes sutilmente, outras vezes aberta e agressivamente o que não é bom para nenhum dos lados visto que isso dificulta a integração plena e sem a devida integração podem ocorrer bolhas de comunidades imigrantes fechadas em si mesmas com medo dos reflexos dos discursos políticos anti-imigração nas suas vidas. Como se trata de um fenómeno que está a acontecer por toda a Europa, todos os imigrantes são atirados para “dentro do mesmo saco” como sendo um mal independentemente dos seus laços históricos, culturais e/ou familiares.

No que se refere à capacidade do imigrante brasileiro de se adaptar à cultura portuguesa, não chega a ser uma barreira significativa. O povo brasileiro é uma mistura de muitas culturas e são abertos a processos adaptativos. Fugindo um pouco do contexto académico e dando voz a um pouco da sabedoria popular, no Brasil há um ditado que tem sido repetido pelos bisavós, pelos avós e pelos pais que diz o seguinte: “em terra de sapo, de cócoras com ele”. Em tradução literal, na casa dos outros, siga as regras. Neste campo, a personalidade brasileira é brincalhona e fácil de se adaptar e trata-se de uma cultura que lhes é familiar através de sons, palavras, e/ou sabores que remete à ideia do afeto pelos avós e/ou pelos pais, esse processo torna-se ainda mais fácil e Portugal tem essa referência para muitos brasileiros. O elo mais forte neste contexto é mesmo a ligação através do sobrenome e/ou apelido que, por norma, a maioria absoluta das famílias brasileiras possuem sobrenomes portugueses, esses elementos corroboram a grande percentagem de brasileiros que se declararam totalmente adaptados dentro dos costumes e da cultura portuguesa.

No que se refere a estar feliz ou infeliz com a decisão e emigrar do Brasil para Portugal, a maior percentagem de inquiridos por esta pesquisa declarou que sim, que está feliz e que pretende fixar-se em Portugal até à velhice. O conceito de felicidade fora do ambiente das metrificações políticas dos organismos internacionais é muito subjetivo, há uma máxima brasileira que é como uma espécie de hino motivacional que diz: *“eu sou brasileiro e não desisto nunca”*. Não se sabe de onde veio essa afirmação, quem a criou e nem como ela se popularizou de tal forma que todo o brasileiro a conhece, mas, de facto, ela traduz um pouco do que é a alma resiliente do povo brasileiro. Portanto, se há uma chance de ser feliz naquele lugar e sob aquelas condições, o brasileiro vai tentar até ao limite e esse limite é quase inexistente. CANDIDO (1970, p. 85-86) assim procura os traços socioculturais do povo brasileiro e da brasilidade:

Uma sociedade jovem, que procura disciplinar a irregularidade da sua seiva para se equiparar às velhas sociedades que lhe servem de modelo, desenvolve certos mecanismos ideais de contensão, que aparecem em todos os setores. No campo jurídico, normas rígidas e impecavelmente formuladas, criando a aparência e a ilusão de uma ordem regular que não existe e que por isso mesmo constitui o alvo ideal. Em literatura, gosto acentuado pelos símbolos repressivos, que parecem domar a eclosão dos impulsos. É o que vemos, por exemplo, no sentimento de conspurcação do amor, tão frequente nos ultrarromânticos. É o que vemos em Peri, que se coíbe até negar as aspirações que poderiam realizá-lo como ser autônomo, numa renúncia que lhe permite construir em compensação um ser alienado, automático, identificado com os padrões da colonização [...] Repressão mutiladora da personalidade é ainda o que encontramos noutros romances de Alencar, os chamados urbanos, como Lucíola e Senhora, onde a mulher oprimida da sociedade patriarcal confere ao enredo uma penumbra de forças recalcadas. Mas a liberdade quase feérica do espaço ficcional de Manuel Antônio, livre de culpabilidade e remorso, de repressão e sanção interiores, colore e mobiliza o firmamento do Romantismo[...]

E, dentro destes traços plurais e de difícil definição, a expressão *“eu sou brasileiro e não desisto nunca”* é gritada nos estádios de futebol, nas necessidades de reconstrução da vida coletiva diante de dificuldades sociais e também, diante das questões da vida no que se refere aos percalços individuais na procura de realização de sonhos.

4.2 – Conclusão

O mundo está imerso num conflito global relacionado às idas e vindas de pessoas de um território para outro. A globalização e a comunicação em massa

promovida pela *internet*, criou elos fortes entre as pessoas e os seus próprios sonhos de “melhorar de vida” mudando de um país para outro e as desordens políticas sobre o “*status quo*” estabelecido após a segunda guerra mundial, fez com que muitas pessoas se apressassem na tomada de decisão e na tomada de coragem para emigrar, sair do seu mundo, colocar a vida dentro de uma mala e embrenhar-se no desconhecido procurando uma vida melhor para si e para os seus.

As redes sociais têm uma forte influência nesse universo de migração visto que elas alimentam os sonhos ao vender vidas perfeitas e facilidades que, nem sempre, são verdadeiras. Há um mercado lucrativo muito forte por trás dos anúncios da internet incluindo os tais “*influencers*” que vendem a vida perfeita em país x ou país y, há os escritórios de advocacias especializados em “facilitar a documentação para o imigrante ou fazer buscas genealógicas para a obtenção de cidadanias”. O Brasil é um terreno fértil para essas práticas considerando que existe um mercado consumidor digital de 214(duzentos e quatorze) milhões de pessoas conetadas às redes sociais através de um *smartphone* além de ainda haver territórios brasileiros onde os indivíduos que vivem ali sentem-se literalmente um estrangeiro dentro do próprio país. Isso acontece sobretudo, nas regiões do centro-sul do país onde a imigração europeia se estabeleceu muito fortemente.

Muitos países europeus e asiáticos têm no Brasil a sua maior colônia de cidadãos e seus descendentes fora do seu território. Alguns exemplos: a cidade de Penedo no interior do Rio de Janeiro é conhecida como pequena Finlândia uma vez que os seus moradores são finlandeses e seus descendentes. Ou a cidade de Holambra no interior do Estado de São Paulo em que os seus moradores são, maioritariamente, Neerlandeses e seus descendentes. Ou o bairro da liberdade na cidade de São Paulo que é um pequeno Japão abrigando a maior colônia japonesa fora do Japão. Ou o bairro da bexiga na cidade de São Paulo que se parece com uma pequena Itália à parte da cidade tamanha a quantidade de imigrantes italianos e seus descendentes. Ou a cidade de Pomerode no Estado de Santa Catarina com uma concentração muito forte de alemães cuja maior marca da presença alemã na região é a preservação do idioma alemão como segunda língua. Por lá, vivem

centenas de milhares de alemães e seus descendentes ou ainda a cidade de Treze Tilhas no Estado de Santa Catarina que é conhecida pela preservação da cultura austríaca e é chamada de Áustria fora da Europa. E, iguais a estes exemplos, há pelo menos mais de uma centena onde populações inteiras de cidades brasileiras descendem de estrangeiros onde os diferentes idiomas e sobrenomes são preservados reforçando fortemente a ideia de ser, em primeiro lugar, um europeu e, em segundo lugar, um brasileiro. Sobre isto, SOUZA (2009, p.36) diz:

[...] a mistura étnica e cultural do brasileiro, ao invés de ser um fator de vergonha, deveria, ao contrário, ser percebida como um motivo de orgulho: a partir dela é que poderíamos nos pensar como o povo do encontro cultural por excelência, da unidade na diversidade, desenvolvendo uma sociedade única no mundo precisamente por sua capacidade de articular e unir contrários.

Para além destas realidades históricas/geográficas do Brasil, quem não está inserido em nenhum destes contextos, possui sobrenomes portugueses, alguns mais tradicionais e outros menos, mas, de uma forma ou de outra, toda a família brasileira está ligada a algum tipo de imigração. Um exemplo interessante neste contexto é o Estado do Pará, localizado na parte litorânea da Amazônia brasileira como a sua capital metrópole, Belém do Pará que foi o último estado do Brasil a desligar-se da coroa portuguesa e cuja representação na bandeira brasileira é a estrela solitária acima da faixa branca. No estado do Pará, a preservação do sotaque da língua portuguesa falada em Portugal é bastante acentuada e do ponto de vista geográfico, 23 cidades do Estado do Pará receberam os mesmos nomes de cidades portuguesas perfazendo um conjunto cultural entre a língua e a arquitetura que carregam traços muito semelhantes entre Portugal e aquele estado brasileiro. O próprio nome da capital foi dado com objetivo de ter no Brasil, uma nova Belém Portuguesa e as semelhanças arquitetônicas das duas cidades são inegáveis. Ademais, Santarém, Óbidos, Bragança, Faro, Aveiro, Alter do Chão, Alenquer, Almeirim, Barcarena, Beja, Chaves, Melgaço, Monte Alegre, Nazaré, Odivelas, Oeiras, Ourém, Porto de Mós e Salvaterra, Ourém, Vila do conde e Viseu são cidades Paraenses homônimas de cidades portuguesas. Mas, para além dessas semelhanças construídas premeditadamente, a presença portuguesa está por todo o Brasil tendo o idioma como motor principal desta ligação, os Silvas e os

Sousas ou Souzas estão na maioria das famílias brasileiras um país jovem com seus 524(quinientos e vinte e quatro) anos e formado essencialmente por populações imigrantes. A Mistura de todos os povos do mundo formou a cor do Brasil, a mistura de todos os sabores do mundo formou a culinária brasileira de base portuguesa, as misturas fonéticas de milhares de diferentes idiomas formaram o sotaque singular da língua portuguesa falada no Brasil.

Com a aproximação das pessoas através da *internet*, o movimento de procura por raízes familiares intensificou-se muito o que acabou por ser um vetor impulsionador para a imigração que até então, era uma realidade reservada às pessoas de posses e pertencentes às classes sociais mais ricas.

Com esta vaga de emigração brasileira ocorrida nas últimas décadas e ainda em curso, onde brasileiros médios começaram a sair do país e ter acesso a uma visão mais real do exterior, onde as universidades brasileiras estabeleceram pontes importantes com universidades estrangeiras vai-se desmistificando a ideia, por vezes marginalizada, que os cidadãos estrangeiros têm do Brasil. Internamente, movimentos identitários ganharam força nas dimensões da educação e da sociedade brasileira, a identidade do ser brasileira começa a ganhar uma força e ganha conotações de orgulho “nacionalista”. Dentro deste contexto, a identidade negra e a identidade oriunda da mestiçagem, denominada de “parditude”, engatinham para uma luz académica que está a ajudar o brasileiro a reconhecer-se com algum orgulho de si mesmo e do seu país sejam os brasileiros com feições europeias, ou feições asiáticas, ou feições africanas, ou feições indígenas, ou sejam os brasileiros com feições que representam tudo isso junto num único rosto. Sobre isto, ainda SOUZA (2009, p.37-38) reforça:

As novas ideias de Freyre ganharam o mundo e conquistaram os corações e mentes das pessoas comuns ao se encontrarem com o interesse do Estado reformista e interventor de Getúlio Vargas, numa ideologia positiva do brasileiro como energia simbólica para o esforço de integração nacional. O Brasil industrial, que se inaugura em 1930 em grande escala, precisa de um ideário que conclame os brasileiros para a ação unida e conjunta, também em grande escala, para a renovação nacional. A tese de Freyre defende precisamente a unidade substancial dos brasileiros num todo unitário e tendencialmente harmônico [...] Essa tese deve ter soado como música aos ouvidos da elite reformadora empenhada no grande salto nacional que aquela época ensejava. Ela permitia conferir autoridade

intelectual e um caráter singularmente 'brasileiro' à ideologia orgânica do Estado Novo que percebia a nação como a superação dos conflitos 'mesquinhos' de 'classe'. [...] A negação dos conflitos de toda espécie passa a ser percebida como atributo 'positivo'. [...] Está criado o nosso DNA simbólico, o DNA simbólico do Brasil moderno, um conjunto de ideias que legitimam práticas sociais e institucionais de toda espécie que se destinam, em última instância, a retirar qualquer legitimidade do diferente e da diferença, do crítico e da crítica.

Despertar o orgulho de uma nação por ser ela mesma não é algo que acontece rapidamente, há um processo longo, muitas vezes, falhando e recomeçado em diferentes tempos e contextos. No Brasil, as pequenas sementes começam a germinar depois de séculos de tentativas e de intensos debates e conflitos sociais. Porém, despertar essa identidade não parou e talvez nunca pare, os processos emigratórios principalmente tratando-se de um povo que tem nas veias o sangue de viajantes de todas as partes do mundo.

Diante de tudo o que foi contextualizado através da realização desta pesquisa, supõe-se que os laços que unem o Brasil a Portugal são fortes e quase inquebráveis. Provavelmente ultrapassaremos este momento sensível em que movimentos políticos tentam romper com esses laços históricos e culturais. Mesmo que, no campo legal, sejam impostas novas regras que prevejam a diminuição desta relação, os laços de sangue, a herança da cultura e a força da língua portuguesa prevalecerão e manter-se-ão firmes por muitos séculos ainda.

BIBLIOGRAFIA

- ACNUR. (2013). Agência da ONU para Refugiados.
- Alencastro, L. F. (1998). A economia política dos descobrimentos. São Paulo: Companhia das Letras.
- Angelini, P. R. K. (2022). Olhar míope: A narrativa hipercontemporânea portuguesa e o Brasil. In M. C. Roque, P. R. K. Angelini, & T. B. A. Cibotari (Orgs.), O outro, esse estranho: identidade e alteridade na literatura e em outras manifestações artísticas (pp. 287–312). Caxias do Sul: EDUCS.
- Bessa-Luís, A. (2016). Breviário do Brasil e outros textos. Rio de Janeiro: Tinta da China.
- Bíblia Sagrada. (1994). Tradução do Centro Bíblico Católico mediante versão dos Monges Maredsous (Bélgica) (91ª ed.). São Paulo: Ave Maria.
- Brasil. (1988). Constituição da República Federativa do Brasil.
- Brasil, A. (2023). Onde estão essas pessoas? Uma abordagem sobre a ausência e o pagamento de pessoas trans no ensino superior europeu.
- Bruschini, C., & Lombardi, M. R. (1999). A bi-polaridade do trabalho feminino no Brasil: O emprego doméstico e as “novas” ocupações. *Mulher e Ocupação*.
- Camus, R. (2012). Le Grand Remplacement suivi de Discours d’Orange. R.
- Cândido, A. (1970). Dialética da malandragem. *Revista IEB*, (8).
- Corner, D. M. R. (2006). A gastronomia como atrativo no turismo cultural. In IV Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul: Turismo, responsabilidade social e ambiental (Caxias do Sul, RS, 7 e 8 de julho).
- Costa, E. V. da. (2014). A dialética invertida e outros ensaios. São Paulo: Unesp.
- Craveiro, C., & Carvalho, C. (2017). A um passo da branquitude: O que dizem os corpos das mulatas brasileiras. *Interfaces Científicas – Humanas e Sociais*, 6(2), 65–76.
- Creswell, J. W. (2010). Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed.
- Creswell, J. W., & Clark, V. L. P. (2013). Pesquisa de métodos mistos (2ª ed.). Porto Alegre: Penso.

Datosmacro. (2020). Suriname - Total de emigrantes. Disponível em: <https://datosmacro.expansion.com/demografia/migracion/emigracion/surinam?anio=2020>

Declaração constitutiva da CPLP.

Decreto-Lei nº 154/2003, de 15 de julho. República Portuguesa.

Decreto presidencial nº 3.927, de 19 de setembro de 2001. República Federativa do Brasil.

Eagleton, T. (2005). A ideia de cultura. Ed. Unesp.

Feldens, L. (2018). O homem, a agricultura e a história. Univates.

Freire, P. (1974). Educação como prática da liberdade (4ª ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (1980). Conscientização: teoria e prática da libertação. São Paulo: Moraes.

Freire, P. (1981). Alfabetização de adultos – crítica de sua visão ingênua; compreensão de sua visão crítica. In Ação cultural para a liberdade e outros escritos. São Paulo: Editora Paz e Terra.

Freyre, G. (2006). Casa-grande & senzala. São Paulo,:Global.

Gray, D. E. (2012). Pesquisa no mundo real. Porto Alegre: Penso.

Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), Handbook of qualitative research (pp. 105–117). Thousand Oaks, CA: Sage.

Hasenbalg, C. (2003). A distribuição de recursos familiares. In C. Hasenbalg & N. V. Silva (Orgs.), Origens e destinos: desigualdades sociais ao longo da vida. Rio de Janeiro: Topbooks.

IBGE. (2025, maio 28). Educação. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br> [acesso em: 28 mai. 2025, às 13h45m].

Lagos, M. (2018). El fin de la tercera ola de democracias. Disponível em: https://www.latinobarometro.org/latdocs/Annus_Horribilis.pdf

Lapu, N., Rodríguez, M., & Zechmeister, E. (Eds.). (2021). Pulse of democracy. LAPOP.

Lapu, N., Rodríguez, M., & Zechmeister, E. (Eds.). (2023). Pulse of democracy.

LAPOP.

Latinobarómetro. (2023). La recesión democrática en América Latina.

Le Goff, J. (2007). O Deus da Idade Média: conversas com Jean-Luc Pouthier (M. de Castro, Trad.). Civilização Brasileira.

Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Lei nº 10.741, de 01 de outubro de 2003.

Lei nº 14.818, de 16 de janeiro de 2024.

Lessa, L. G. (2010, maio). A importância da língua no mundo social e cultural.

Linguagem e cultura. Disponível em: [acesso em: 22 mai. 2025].

López, I. R., & Contreras, J. M. (2005, março 1). The best of both worlds: Biculturality, acculturation, and adjustment among young mainland Puerto Rican mothers. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 36(2), 192–208.

Marôco, J. (2021). Análise estatística com o SPSS Statistics v.27 (8ª ed.).

Portugal: ReportNumber.

Maturana, H. (1970). Biology of cognition. BCL Report, 9(0). Biological Computer Laboratory, Department of Electrical Engineering, University of Illinois.

Maturana, H. (1997). A ontologia da realidade. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Maturana, H. (2000). O que se observa depende do observador. In W. Thompson (Org.), *Gaia – Uma teoria do conhecimento*. São Paulo: Editora Gaia.

Morin, E. (2002). A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Peres, G. (2015). Situação linguística de refugiados sírios no Brasil: o ensino de português como língua de acolhimento (Monografia de Bacharelado).

Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

Pierucci, A. F. (1999). *Ciladas da diferença*. São Paulo: Editora 34.

Público. (2025, maio 2). Metade dos casamentos de portugueses com estrangeiros são com brasileiros. Disponível em:

<https://www.publico.pt/2025/05/02/publico-brasil/noticia/metade-casamentos-portugueses-estrangeiros-sao-brasileiros-2131775>

Relatório Estado da Democracia no Mundo 2023. ODRP.

Santos, L. C. dos. (2007). Tópicos sobre metodologia científica. Salvador:

Quarteto.

Souza, J. (2009). A ralé brasileira: quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG.

The Economist Intelligence Unit. (2023). Democracy Index: Frontline democracy and the battle for Ukraine.

Wilson, E. O. (1999). A unidade do conhecimento: Conciliência. Rio de Janeiro: Campos.

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PESQUISA:

IMIGRAÇÃO: o perfil sócio-cultural do imigrante brasileiro em Portugal

As informações contidas neste formulário digital, fornecido pela pesquisadora Iolanda Martins Teixeira, concluído do programa de mestrado da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, tem por objetivo firmar acordo com o(a) voluntário(a) para participar da pesquisa acima referida, autorizando sua participação com pleno conhecimento da natureza dos procedimentos a que a ele(a) será submetido(a).

Este formulário digital tem por objetivo alcançar 50 (cinquenta) imigrantes que vivem em Portugal e que estejam sob o regime jurídico da Autorização de Residência concedida aos cidadãos dos países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa. Neste caso, especificamente os brasileiros.

É importante salientar que cada voluntário tem o direito de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando deste inquérito independente da fase e que se encontre sem qualquer prejuízo para o(a) voluntário(a). Para esta pesquisa, também serão coletados relatos de experiência concedidos voluntariamente pelos voluntários que se sentirem à vontade para o fazerem.

Sobre os **RISCOS** ou **DESCONFORTOS** que possam ser gerados a partir desta coleta de dados, clarifica-se assim que os procedimentos obedecerão todos os Critérios Éticos exigidos para Pesquisa com Seres Humanos e que todos os dados recolhidos serão tratados com estrita confidencialidade garantindo a privacidade e o anonimato dos(as) participantes.

O **BENEFÍCIO** gerado por esta pesquisa não se reverterá diretamente ou individualmente para nenhum voluntário mas, gerará riqueza acadêmica para a Faculdade de Letras da Universidade do Porto que, a partir deste debate, terá elementos credíveis para entender o perfil sócio cultural do imigrante brasileiro que escolheu Portugal para viver.

Após estes esclarecimentos, esta pesquisadora solicita a devolução deste inquérito digital respondido assim como disponibiliza o seu contacto telefónico via aplicativo de mensagem e ligação direta para a colheita e escuta dos relatos de experiência voluntários. Por se tratar da comunidade brasileira, este documento poderá ser assinado digitalmente pela ferramenta meu.gov.com.br

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nome:

Número do Passaporte:

Número da Autorização de Residência CPLP.

ANEXO II

Questão 1º - O fato de você falar português foi determinante na hora de escolher emigrar para Portugal?

- () sim
- () não

Questão nº 2 - Com qual gênero você se identifica?

- () masculino;
- () feminino;
- () outro, qual _____

Questão 3º - Qual é a sua formação escolar e/ou acadêmica no Brasil?

- () educação básica – 12º ano
- () ensino técnico
- () ensino superior
- () pós graduação

Questão 4º - do ponto de vista do perfil etário dos imigrantes brasileiros deste grupo, qual é a sua idade?

- () de 20 a 30 anos
- () de 30 a 40 anos
- () de 40 a 50 anos
- () de 50 a 60 anos ou mais

Questão 5º - Na dimensão social da integração profissional, você conseguiu se inserir no mercado de trabalho português na mesma área em que atuava no Brasil ou precisou se reinventar profissionalmente?

- () trabalho na mesma área em que trabalhava no Brasil
- () precisei me reinventar profissionalmente

Caso você tenha de ter mudando de campo profissional em Portugal, qual era a sua área de trabalho no Brasil e qual é a sua nova profissão?

Qual era a sua profissão no Brasil: _____

Qual é o seu trabalho em Portugal: _____

Questão 6º - Dos motivos abaixo, qual deles mais de aproxima daquele que o(a) motivou a emigrar do Brasil para Portugal?

- () questões relacionadas à segurança-

- ☐ () melhorar a vida financeira
 - ☐ () oportunidades educacionais
 - ☐ () vontade de viver uma experiência pessoal em outro país
 - ☐ () me aposentei e decidi aproveitar a 3ª idade conhecendo outras culturas
- Há outro motivo que o(a) tenha movido para esta mudança de país? Se sim, Qual:
-

Questão 7ª - Muito se tem falado sobre xenofobia na sociedade portuguesa em relação aos emigrantes brasileiros. Sobre esta questão, qual é a sua experiência pessoal?

- ☐ () sim, já sofri ou já presenciei atos xenófobos contra brasileiros de maneira sutil ou disfarçada de brincadeira no meu círculo social
- ☐ () sim, já sofri ou já presenciei atos xenófobos contra brasileiros de forma aberta e agressiva no meu círculo social
- ☐ () não, nunca sofri ou presenciei atos xenófobos contra brasileiros no meu círculo social.

Questão 8ª - Do ponto de vista cultural: comida, música. Linguagem/comunicação e clima, qual é o seu estado de adaptação?

- ☐ () em adaptação
- ☐ () pouco adaptado(a)
- ☐ () totalmente adaptado(a)

Questão 9ª - Emigrar é um ato de coragem e determinação, desbravar uma nova cultura longe de suas referências culturais e familiares é muito desafiador. Diante disto, você está feliz com a sua decisão de emigrar do Brasil para Portugal?

- ☐ () sim, estou muito feliz e pretendo me fixar em Portugal até a velhice
- ☐ () não, não estou feliz e pretendo voltar para o Brasil ao final de uma temporada em Portugal
- ☐ () sim, estou feliz, mas não pretendo me fixar em Portugal, pretendo me mudar para outro país da união europeia em breve